

BRASIL-PORTUGAL

16 DE MARÇO DE 1903

N.º 100

Os novos ministros



Manuel Raphael Gorjão
Ministro da Marinha e Ultramar



Cliché da União - Porto
Wenceslau de Lima
Ministro dos Negocios Estrangeiros



Cliché da União - Porto
Conde de Paçõ Vieira
Ministro das Obras Publicas

POLITICA INTERNACIONAL

A CABEA de fallecer na avançada idade de 85 anos Francisco Ladislau Rieger, a ultima das grandes personalidades, que no seculo XIX legaram o seu nome ao renascimento de uma nacionalidade. O logar que já hoje a historia lhe destina é ao lado de Mazzini, de Garibaldi, de Kossuth, de Francisco Deák, de Canaris, de Bismarck, de Washington e de Bolívar. Não que Ladislau Rieger tivesse sido um general victorioso, um revolucionario audaz, ou um politico afeito ás manhas e artifices da diplomacia classica. Pelo contrario. A singleza do seu caracter pacifico e reflectido, a prudencia do seu proceder cauteloso, a lisura que sempre demonstrou nos actos da sua vida, que publica, quer particular, imprimiram-lhe feição bem differente da de alguns dos heroes, que hoje são seus paes na immortalidade. Mas é exactamente este traço especial da sua physiognomia, que lhe dá inconfindavel relevo; e foi, graças a elle, que Rieger pôde realizar a grande aspiração de toda a sua longa carreira politica — o renascimento da nacionalidade tchèque.

Quando o chefe dos velhos tchêques entrou na vida publica não existia na Austria a questão bohemia. O proprio nome de «Bohemia» representava apenas uma tradição, quasi obliterada, a que se não ligava significação alguma. Não passava de uma denominação historica, sem a mais leve pretensão a actualidade militante. Foi, graças á persistente energia e ao inquebrantavel patriotismo de Rieger, que pouco a pouco a ideia da Austria tchêque começou a tomar corpo, e que a questão bohemia adquiriu no imperio a mesma importancia que teve na monarchia ainda antes do compromisso de Francisco Deák a questão magyar.

Hoje pôde dizer-se que a autonomia moral da Bohemia está realisada. A nação existe, vive intellectualmente de vida propria, e todos os seus membros a capacidade como grupo ethnico independente. Falta apenas completa autonomia politica, e isto aconteceu com a Hungria. Mas o principal está feito; e isto está feito deve-se á tactica de Rieger. E' esta a sua grande gloria.

Por mais de uma vez os patriotas exaltados, — os novos tchêques — conforme são conhecidos, procuraram contrariar o opportunismo do velho politico. Sempre, contudo, os serviu mal a descabida impaciencia, a que por fim tiveram de renunciar, voltando novamente aos processos da vida normal, a que Rieger deveu tantas victorias. O prestigio, que sempre confere o exito, acabou por impôr-se; e o audaz campeão do renascimento da Bohemia pôde descer ao tumulo cercado do respeito e da afeição não só de todos os tchêques, mas ainda dos slavs em geral, como o prova o eloquente telegramma de peza-me assignado pelo presidente do ministerio bulgaro, o sr. Danev. A apothese está feita pela nação agradecida e pelo consenso dos povos irmãos. Não é bem sem razão a podemos encontrar no renascimento da Italia e da Hungria.

Mas que vae agora acontecer na Austria, morto Rieger? Continuará a tradição da sua politica a inspirar a orientação do partido tchêque? Ou, pelo contrario, impôr-se-hão d'aqui por diante os exaltados, que já não podem ser contidos em respeito pela autoridade do fallecido chefe? Esta ultima hypothese parece ser a mais provavel. Pelo menos a symptoma da que se prepara a attitude do club tchêque, que se reunia logo após a morte de Rieger, decidindo inaugurar desde já uma violenta e intransigente campanha de opposição contra o ministerio Körber até derrubal o, empregando para isso todos os meios de ataque, sem excluir o obstruccionismo levado ao ultimo extremo. E' o primeiro resultado do desaparecimento do elemento ponderador, representado pelo chefe dos «velhos tchêques». Os «novos tchêques», conforme se presume pela deliberação tomada, vão inaugurar politica mais radical. Com que probabilidades d'exitto? Não é facil por ora vaticinal o.

Não ha duvida de que a causa da autonomia da Bohemia está hoje em situação incomparavelmente melhor do que no tempo em que Rieger começou a sua propaganda. Então, o mais pequeno passo dado em falso podia comprometter irremediavelmente a sorte da nação, que mal principava a afirmar-se. Hoje andou-se tanto no caminho da libertação, que a ningunha passaria pela mente ser possível perder a Bohemia o direito a viver como povo livre, quaesquer que sejam as imprudencias commettidas pelos seus defensores. Mas por outro lado a situação geral do imperio, e muito particularmente da Austria, é que é menos favoravel e muito mais melindrosa. Quando Rieger entrou na arena politica, o partido pangermanista austriaco não existia, e todos sabem como este partido constituiu hoje o mais potente adversario das reivindicaciones tchêques. Além d'isso a Hungria, que n'esta época era o aliado natural da Bohemia pela communidade de aspirações e de esforços para conseguir a autonomia, que a ambas era negada, depois de ver realiado o seu sonho com o estabelecimento do regimen dualista, passou a ser em vez de um auxiliar, um estorvo para a causa tchêque. Em Budapest tem-se que uma Bohemia autonoma, que transpõe o actual dualismo n'um condominio a tres, vae diminuir a preponderancia que o reino de Santo Estevam exerce presentemente na politica geral do imperio.

De tudo isto se depreheende que não está livre de escolhos o caminho que os «novos tchêques» tem a percorrer para completarem a obra de Ladislau Rieger. Emquanto o actual imperador vive, não é o perigo muito grande, dado o prestigio de que elle goza entre os differentes povos da monarchia, e reconhecida como é a superior habilidade com que até hoje tem sabido triumphar de todas as difficuldades e vencer todas as crises. Mas o dia do seu desaparecimento não deve tardar, e quem pôde prever a sorte da nação sob o governo do herdeiro presumptivo? O archiducio Francisco Fernando não tem sympathias entre os liberas por causa das suas manifestas tendencias ultramontanas. Não tem sympathias entre os húngaros, pela imprudente levandade com que se apraz em ferir as susceptibilidades dos magyares. Não tem sympathias nos circulos tchêques, porque

mais de uma vez se tem manifestado contra as pretensões da Bohemia. Darlos estes precedentes, o que será o dia de amanhã para o imperio austro-hungaro? Congraçar-se-hão em face do perigo imminente, que a todos ameaça, ás diferentes nacionalidades hoje rivais e lograrão constituir um estado federativo, que continue na Europa central e nos Balkans a representar o papel da actual monarchia bipartida? Ou realisar-se ha a prophacia do fallecido Rieger, e a morte de Francisco Jos está destinada a ser o primeiro signal do effacemento do imperio? N'este caso, que não é de todo impossivel, em que situação ficará a Bohemia, se semelhante crise a surprender em luta aberta com o partido pangermanista?

Por grande que seja a vitalidade dos tchêques, não estão elles ainda no caso de resistir com probabilidades d'exitto a uma absorpção de qualquer potencia vizinha, — da Russia nomeadamente. Contra o centralismo burocratico de Vienna pedem elles resistir. A questão de raça separa-os victoriosamente dos allemães, que não tem tido força até agora para os assimilar. Com o grande imperio slavo, porém, o caso muda de figura.

A homogeneidade de raça e a quasi identidade de lingua entre os dois paizes tem bem mais perigosa forma de atracção de que todos os processos centralistas postos em pratica pelos ministros de Francisco Jos.

É isto dizer, que o futuro da Bohemia não se apresenta tão desanuviado, que não seja ainda por algum tempo indispensavel a tactica de Rieger, para levar a porto de salvamento a causa da autonomia tchêque.

Oxalá assim o comprehenda o partido dos «novos» para a felicidade de uma das mais sympathicas nações da Europa...

Apesar dos protestos e das affirmações das potencias de que a situação de Creta já mais soffreria alteração no tocante ás relações de soberania, que sobre ella a Porta mantem, tudo parece indicar, para epocha não muito distante, a annexação da ilha ao reino da Grecia. Já o accordo em virtude do qual foi o principe Jorge, filho segundo do rei dos hellenos, instalado como governador em Canea, pode ser considerado como o primeiro passo n'esta direcção. Com effeito, desde a sua nomeação, a Canea não tem feição de principado independente no terreno para a realisação do plano, que lhe foi confiado pelos patriotas de Athenas. Já mesmo a questão ethica mais adiantada se por um lado elle possuise em maior escala os requisitos indispensaveis para semelhante tarefa, e se por outro lado a proverbial e chronica desorganisação das finanças e da administração na Grecia pudesse dar aos cretenses a garantia de um governo melhor do que o actual, não se julga que a opinião publica se abastaria de mais. Ainda assim, a situação irrealisavel a força dos elementos de atracção, que estão preparando a unidade do hellenismo, que apesar de todas as circumstancias desfavoraveis a ideia da annexação vae todos os dias ganhando terreno. As potencias parece que vão fechando os olhos, sem preparar ellas proprias a transformação. Pelo menos assim o dão a entender certos factos, que se estão passando na ilha e que não poderiam acontecer sem expressa authorisação das potencias interessadas no status quo. Assim, a visita do principe real da Grecia e da princeza real a Canea foi seguida da visita da propria rainha Olga, que aproveitou a sua estada na ilha para, conjuntamente com o filho, inaugurar uma egreja orthodoxa recém-construida. Tanto bastou para que toda a imprensa de Athenas recommençasse a discutir com o maior calor, e como se se tratasse de um acontecimento prestes a realisar-se, a sonhada união.

E o certo é que esta ideia, graças á propaganda dos orgãos pan-hellenicos, cada vez se vae enraizando mais no espirito publico, a ponto de que insensivelmente e quasi sem se perceber Creta vae-se convertendo n'uma provincia grega. Pena foi que o que a Europa parece disposta a consentir, não se tivesse feito ha alguns annos, quando a questão cretense chegou por um momento a ameaçar a paz da Europa. Tinha-se poupado uma guerra duplamente desastrosa para os interesses das civilizações, e a que occasião se apresentava, por assim dizer espontaneamente, aproveitava-se o ensejo para dar mais um passo na solução do problema da emancipação das populações christãs do imperio turco, problema que emquanto não estiver resolvido, conforme a ethnographia e a historia o exigem, ha de causar continuos sobresaltos ás nações do Occidente.

Em vez, porém, de favorecerem as justas aspirações da Grecia, as grandes potencias preferiram dar o orgão ao sultão, preparando por tempo indefinido a liquidação final da questão balkanica, que está novamente prestes a complicar-se por causa da Macedonia. Succedeu então o que era inevitavel. A Turquia, apesar de vencedora, não pôde fazer calar as reivindicaciones dos seus irrequietos vassallos; e a Grecia, apesar de vencida, não deixou de trabalhar pelo que ella reputa ser a realisação do seu destino historico. Ora o que aconteceu ha apenas alguns annos repetir-se ha novamente ao se declarar, em Servia, um decreto impopular, que assigna a custa das nacionalidades christãs, que com elle são incompativeis, Creta ha de reunir-se á Grecia mais cedo ou mais tarde. A Macedonia ha de emancipar-se passando por cima do ridiculo projecto de reformas, que ao cabo de laborioso parto a diplomacia austro-russa impoz ou fingiu impôr ao sultão. A Bulgaria ha de proclamar-se reino independente, quebrando o debil laço que a liga á suzerania da Porta. O Montenegro, firmemente em Servia ha de alargar o seu territorio e o seu dominio por vive população de raça slava, ainda hoje escravidada sob o dominio ottomano.

Ora se tudo isto tem de acontecer, por uma fatalidade superior que poder algum conseguir conjurar, porque motivo não ha de acontecer desde já, poupando-se muito soffrimento e muito tempo util? ...

Viagem da Rainha de Portugal

A proposito da interessantissima viagem que S. M. a Rainha a Senhora D. Amelia faz actualmente, damos alguns esboços muito curiosos do Cairo que a ex-celsa Senhora acaba de visitar, e um artigo sobre Alger, a colonia franceza que acaba de receber a visita da Princesa franceza, hoje Rainha de Portugal. Esse artigo firmo-o Eduardo Balsemão que foi incontestavelmente um grande trabalhador e um escriptor consciencioso, que a morte ha pouco fulminou.

ALGER

Março, 27, 1877. — Às 5 h. 1/2 da m. fundémos em Alger, a antiga Al-Djezir dos arabes, e hoje capital da importantissima possessão franceza denominada Algeria, d'antes chamada Regencia d'Alger, até 1830 olhada como o estado barbaresco mais bellicosso e temido do Mediterraneo; havendo ainda os francezes, quando tomaram a capital em 5 d'agosto, encontrado n'ella 12 navios de guerra, 1500 peças de artilheria de bronze, arsenaes de mar e de terra cheios d'armas e munições, e no Kassabak um thesouro com cerca de 18 milhões de francos em ouro e prata amoadada.

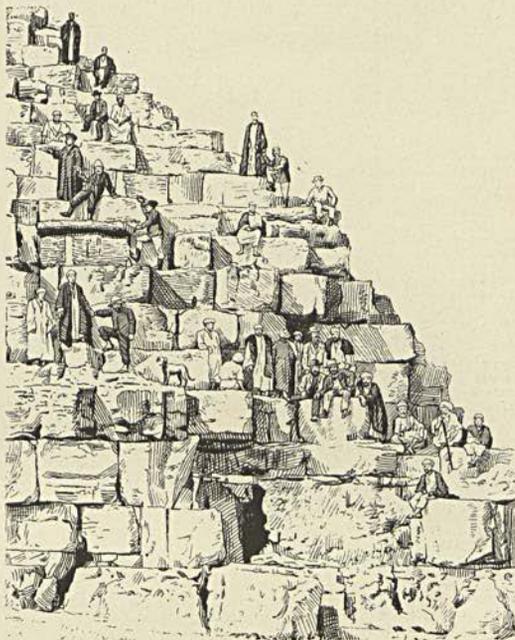
A cidade apresenta uma perspectiva que encanta. Foi a terra com os meus companheiros de viagem. Alugámos uma bonita coche, para a qual entrámos ás 10 1/2 e na qual deviamos percorrer a cidade até ás 2 horas, visto devermos sair ás 3.

A cidade, posto que de fóra parece pouco arborizada, é linda, fazendo lembrar muito o Funchal e Cintra.

Alger, porém, é superior. Tem bellas casas caprichosamente construidas com terraços, em vez de telhados, achando-se quasi todas, as que não estão no centro da cidade, cercadas por lindissimos jardins. A agua abunda por toda a parte, e a cada passo se encontra uma fonte, ou lançando agua continuamente, ou fornecendo-a apenas quando se lhe abre a torneira de metal de que está munida.

Visitámos o hospital civil, obtendo para isso previa licença. Uma irmã de caridade mostrou o edificio, dançame com summa bondade todos os esclarecimentos que lhe pedi.

O hospital é abarracado. As enfermarias, bastante extensas, são parallelas umas ás outras, cortando-as pelo centro, em sentido perpendicular, uma grande rua ou calçada, tambem coberta. Aquellas, porém, são todas assoalhadas, estando mais ou menos ajardinadas os espaços que as separam. Ha all dentro d'aquella grande area enfermarias para doentes de quasi todas as molestias, e de ambos os sexos. As parturientes



CAIRO — A grande pyramide Keopa em Giza

Tanto nas enfermarias como na bonitinha capella mui decentemente mantida ha o mais irreprehensivel asseio, não se sentindo o mais leve mau cheiro.

As roupas são lá mesmo lavadas por mulheres expressamente incumbidas d'esse serviço.

Novo facultativos fazem serviço clinico da casa, havendo um sempre de dia. Hoje estão em tratamento 400 doentes, pela maior parte europeus e hespanhoes, com febres endemicas.

Além d'este hospital, ha o Militar, que não pudémos visitar. Disseram-me, porém, que podiam já ser admittidos doentes não militares, em quartos particulares, a razão de 3 francos por dia.

Visitámos tambem o theatro, que é muito elegante, tanto pela parte exterior, como pela interior, parecendo-se com o de D. Maria, de Lisboa, no tamanho, posto que os camarotes se me affgurassem muito mais bonitos. Para hoje está annunciado o *Hamlet*. Quando o visitámos, o que não foi inteiramente facil, estava em ensaios a companhia franceza, falando então uma atriz, cujo metal de voz me recordou o de *mademoiselle Preciosi*, do nosso Principe Real.

Uma immensidade de trens de aluguer e particulares dão vida e movimento a esta linda cidade, notando-se que nenhum d'ellos se vê atrelado cavallo algum a cair de lizeira e taes como nós muitas vezes ahi vemos arrastando-se pelas ruas de Lisboa. Ainda que de marca mais pequena do que a dos nossos, em geral os cavallos de raça arabe são aqui quasi todos muito bem feitos, muito vivos e muito bem tratados. Observa-se tambem que os de cor branca são em grande numero.

Visitámos a prefeitura — o nosso governo civil — mas pouco pudémos vêr. O edificio, sem ser notavel, é muito asseiado e bastante espaçoso. Os empregados trabalham, pela maior parte em quartos pequenos, não se agglomerando em grandes salões, como acontece nas nossas repartições publicas.

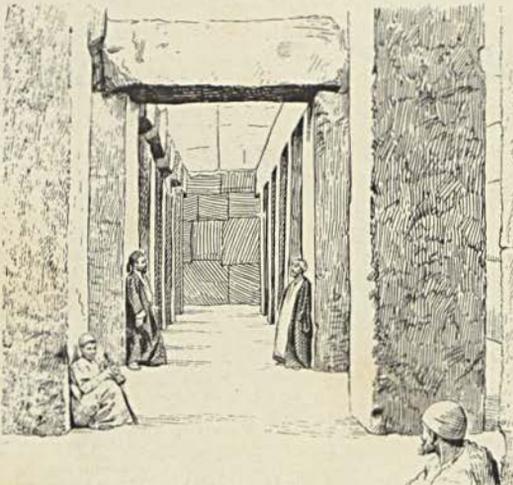
Não tive tempo para vêr os quartéis. Toda a tropa que aqui se acha, que não é pouca, está uniformizada d'um modo accommodado ao clima, banindo-se o absurdo e a atrocidade de *pepegar* com o militar europeu a fazer serviço de baixo do ardente sol dos tropicos, envolvido nos mesmos casacos



CAIRO — A celha cidade vista das pyramides

teem, do mesmo modo, logar reservado, cuja entrada não nos foi vedada.

Vi lá lindas creancinhas, carinhosamente tratadas. Os alienados não são recebidos n'este hospital, senão aos 6, 8 ou 10 dias, sendo mandados para Marselha. Logares para as creanças convalescentes, as brincar e escolas para aprenderem não faltam ali igualmente. As cosinhas, casas d'arrecadação e dispensas são muito arejadas, limpas e admiravelmente dirigidas.



CAIRO — As catacumbas das pyramides

e nas mesmas fardetas com que servem nos climas temperados ou frios.

Os carros americanos não cessam de correr nas principais ruas em sentidos diversos. São mais pequenos do que os nossos, mas tem 1.ª e 2.ª classe, sendo metade do carro d'uma e metade d'outra classe.

A pobreza não abunda aqui.

Em Alger quasi tudo baratissimo: pelas tres e meia horas que tivemos o cabelle e a nossa disposição apenas pagamos (que foi o que nos pediram) 10 francos.

Ha lojas, senão superiores, pelo menos tão bonitas e tão bem sortidas como as melhores de Lisboa. Desejando comprar algumas photographias, dirigimo-nos ao principal photographe da cidade. Pretendia o retrato do governador geral. Uma bonita *portreinho* dos seus 18 annos, muito bem vestida, foi logo annunciar-nos o elegante joven do estabelecimento, que nos appareceu immediatamente no seu luxuoso gabinete.

Diversas vias ferreas mantem com o interior uma continua troca de passageiros e mercadorias. Mattos cerrados de eucalyptus novos, mas já bastante crescidos, occupam todos os espaços que cercam a cidade em que ha construcções, com os competentes postes, nos quaes estão pregadas taboietas de madeira declarando ser militar aquelle terreno e vedada a entrada n'elle. Aqui comprehende-se o que vale esta arvore abençoada e a vida dos habitantes. Em Cabo Verde, onde o illustrado governador Albuquerque procedeu no meu tempo, á plantação em grande da mesma arvore, creio que nunca mais se pensou em tal. Realmente, para que tratar da plantação d'uma arvore, cuja sombra provavelmente nos não ha de proteger dos raios solares!

Uma das cousas que mais surprehende o estrangeiro que aporta a Alger, é a variedade de trajes dos habitantes. Mouros, parsis, egypcios, arabes, etc. etc., cada qual com o seu traje especial, de cores vivas, acotovelando-se nas ruas a cada momento e por toda a parte, imprimem aquelle todo uma feição singular, que nos atrai e nos agrada.

Alger, com excellent illumination a gaz tem algumas praças bonitas, posto que não muito espaçosas, alguns monumentos, e sobretudo um passeio lindo no bello *bonaparte* que segue ao longo do fundo da bahia, desdobrando-se por sobre grandes arcadas de cantaria — o que produz, visto do porto, um effeito magnifico. Ha ainda outra rua, a principal, me parece, ladeada por bons edificios assentes sobre elevadas arcarias de pedra, á semelhança, em ponto mais pequeno, do nosso bello Terreiro do Paço, que merece menção especial.

A policia pareceu-me boa. Os seus uniformes são muito diversos do que usamos, e, quanto a mim, mais apropriados e commodos do que os nossos. As sobrecasacas tem duas ordens de botões de metal branco, que se vão distanciado da cintura para cima, e ao pé do pescoço são abertas e dobradas dos dois lados, para baixo. Sabre e bonet.

O governador geral, além do seu palacio na cidade, tem outro no campo, que vi por fóra de muito elegante construcção, onde vai passar a estação calmosa.

Abril 2. Pela 1 h. p. m. fui para terra com o dr. Kirkman, com tenção de só regressar no dia seguinte, porque o Jara só então devia sair.

Percorremos toda a cidade e seus suburbios, de cacelle. Não podem bem descrever-se todas as belezas dos arrabaldes e cidade d'Alger. É uma cidade que tem encantos que, parece-me, difficilmente poderão encontrar-se em qualquer outra. O dr. Kirkman que tem percorrido uma grande parte do globo, incluindo a Inglaterra, França, Italia, India e Oceania, assegura-me tambem que é das cidades mais bonitas que tem visto.

A noite fomos a um café concerto (La Perle), para vermos de tudo, pois que não havia theatro antes d'hontem.

O café é excellent. É talvez maior do que o nosso theatro do Principe Real, com cadeiras e bancadas em forma de platá, e duas ordens de camarotes abertos.

A orchestra é pequena, e o palco tambem não é grande.

Cantaram e dançaram muito regularmente.

Se fossemos ao café para ouvir apenas boas vozes, talvez dêssemos por mal empregado o tempo; mas era nosso intuito fazer horas e tomar um refresco. As cantoras e as dançarinas francezas são sempre as dançarinas e as cantoras francezas: jovias, travessas e... nada feias. Ora com taes contrapezos, já se pode bem supportar uma voz menos forte ou menos afinada.

Ha empada para as cadeiras (supra) modica, dando direito, o segundo bilhete que entregam com o da entrada, a um dos artigos mencionados em uma grande tabella exposta dentro da sala (café, chá, brandy, etc., etc.)

O que, porém, sae um pouco mais caro é o costume que tem aqui, como em l'ort-Said, de vir a cantora logo depois de concluida a sua parte, e até como o mesmo magnetico vestuario a percorrer as cadeiras com um cecinho que estende a cada um fazendo retinir as pratas que elle encerra, para se lhe deitar alguma cousa. É isso completamente facultativo, é certo; no entretanto, quem ha que volte a cara quando um braço alvo e bem torneado, e um rosto alegre e bello, sobre um corpo delicadamente desenhado debaixo d'um finissimo vestido de renda, lhe estende a mão supplicante? Ninguem, seguramente. Eu, pelo menos, declaro que nem sequer tal expediente me passou pela mente. Depois... o harmonioso e risonho *merci*, não vale tambem alguma cousa? Ora como estas sortidas são repetidas, pelo menos tantas vezes quantas se canta (ás damas, bem entendido) e isso tem logar umas quinze ou vinte durante a noite, segue-se que no fim o espectador sae com um bom par de sorrisos e de *merci* de mais, mas com um bom par de francos de menos.

Encusado será acrescentar que vi no café muitas senhoras assistindo tambem a este espectáculo.

Ao que já anteriormente disse sobre Alger, acrescentarei agora o seguinte:

O governo geral da Algeria, que apenas tem cerca de 46 annos d'existencia, é dividido em tres provincias: a de Constantina á léste, a de Alger no centro, e a de Oran á oeste. A capital da 1.ª Constantina, tomada pelos francezes em 1837. Tem 45.000 habitantes. A da 2.ª e do governo todo é Alger com cerca de 65.000 habitantes, e a da 3.ª é Oran, importante praça de guerra e maritima, com 35.000 habitantes. O total da população de Algeria é de 2.490.388 habitantes, sendo francezes 141.894, israelitas naturalisados 34.475, estrangeiros 116.423 e 2.197.596 musulmanos.

Em 1875 a Algeria importou o valor de 34.624.516\$890 réis, e exportou o de 25.977.835\$890 réis.

Posto que haja na Algeria minas de chumbo, mercuro, cobre e zinco, são, todavia, as de ferro as mais abundantes.

Nas florestas ó o pinheiro de Alepo a arvore predominante.

Alger é, por assim dizer, a nossa ilha da Madeira em ponto grande; mas, na minha opinião, muito superior nos encantos, na belleza e nos atractos de seus pontos de vista.

A bella rua da Arcada, que corresponde talvez á nossa rua do Ouro, mas com um movimento ainda maior, com a vistosa e farta illumination das suas soberbas lojas, os lindos golpes de vista que se disfructam de diversos pontos da cidade, a abundancia de excellentes agua que por toda a parte se vê, a variedade de tipos e de trajes dos habitantes, modicidade de preços no mercado, em geral, e, emfim, o ar de polidez, de cortezia e de affabilidade que geralmente se encontra nos habitantes, tornam, no meu entender, Alger uma cidade deliciosa.

Como em Bombaim, em Alger a alfandega não parece proporcionada á cidade. É um edificio de modesta construcção situado á beira-mar. Esta casa fiscal é, na apparencia, pouco maior do que a da ilha de S. Vicente de Cabo Verde.

Como no Porto, as casas, em geral, tem pouco fundo, do modo que o que deixam álar de largo e de fundo, tem de alto. O maior numero, porém, é de tres e quatro andares, havendo muitas, bem entendido, de um só andar nobre.

Temos aqui a cathedral e tres egrejas do culto catholico, um templo do culto protestante, uma capella anglicana, tres mesquitas do culto musulmano e uma synagoga, quatro sociedades, tres bibliothecas, um museu e uma exposição permanente dos productos da Algeria, oito hotels, tres restaurantes, sete cafés, quatro casas de banhos francezas, quatro de banhos mouros e tres de banhos de mar.

As terças e sabbados de cada semana parte de Marsella para aqui um vapor da companhia *Valery freres et filis*. A passagem de 1.ª classe é de 12\$800 réis. Regressa ás quartas e sabbados.

A companhia das *Messageries maritimes*, considerada aqui a primeira do mundo, envia igualmente todos os sabbados a Aiger um vapor que regressa a Marselha ás terças feiras. O preço das passagens é o mesmo.

Quasi todos os cafés teem uma grande quantidade de mezas pequeninas e cadeiras, fóra, collocadas a esmo, sentando-se cada um onde quer e como quer. Aquelle cahos, animado e jovial sempre, dá immensa vida á cidade. E' ali principalmente que os francezes tratam dos seus negocios, ainda os mais sérios. O café e o cognac, a carteira e o lapis, são as testemunhas ordinarias dos negocios de todos os dias, e que de facto são ali muitas vezes fechados e resolvidos.

O porto, como disse, é completamente novo, formado por duas extensas muralhas de cantaria. A entrada tem 360 metros de largura. A' direita, entrando, fica o porto chamado mercante, e á esquerda o porto militar. Antes de entrar, mas mui proximo da entrada, fica-nos por estibordo uma boia de sino.

Os não reparei n'ella nas duas vezes que aqui entrei, ou é recente. O som que, de quando em quando, o vento nos traz d'aquella sentinella vigilante, avisando de dia e de noite, o nauta ousado, do perigo

pras que se realisam no interior. De ha 10 annos a esta parte tem-se operado uma modificação extraordinaria nas relações commerciaes dos indigenas. E o que sobretudo admira é que as carteiros dos bancos da Algeria estão cheias de valores subscriptos pelos arabes e pagos no dia do vencimento com a mais perfeita regularidade.

N'estes ultimos cinco annos, mais de 10.000 negociantes indigenas se estabeleceram em lojas muito bem montadas, fazendo n'ellas um commercio enorme, sem bulha, sem perturbação e com um favor sempre crescente dos viajantes da metropole, que procuram todas as occasiões de lhes vender a praso. Nas grandes cidades de Alger, Oran, Constantina, Philippe-ville, e Boue, este movimento tornou-se por tal modo consideravel, que a população européa, maltaza, hespanhola, italiana, ou franceza, sem contar os israelitas, que seria mister collocar em primeiro lugar entre os interessados n'esta questão, está pura e simplesmente ameaçada de uma concorrência que forçará o commercio metropolitano a contar com estas novas recrutadas da assimilação.

E' obvio, pois, que se está operando na sociedade mussulmana algeriense um grande movimento de transformação.

Os acontecimentos de Coimbra



Aspecto da Praça 8 de Maio por occasião dos tumultos

que corre, ora mais forte e descompassado, ora mais surdo e demorado, segundo o estado e a agitação do mar, causa uma impressão de tristeza que mal pôde definir-se.

Dizia-se até ha pouco por aqui que a raça indigena se mantinha nas suas tradições de hostilidade e que seria fatal vel-a extinguir-se com as suas idéas de immobilisação. Tudo quanto ella ponde fazer com o sentido da resistencia passiva, fê-lo. Por cerca de quarenta annos não se a proximou, com effeito dos mercados européus, senão com uma extrema circumspeção, vendendo, para fazer face ás mais instantes necessidades da sua existencia material, rebanhos, oleos, cereaes, lãs, objectos de estrutura extravagante e diversas bijuterias.

Pouco a pouco o mercado mudou de fórma. O arabe e o kabila reduziram-se com a facilidade das transacções e com a remuneração cada vez mais elevada dos seus productos. O commercio tomou então uma nova fórma. Ao principio o indigena não queria aceitar senão dinheiro em ouro. Depois, no extremo sul, e no Tell, isto é, nos pontos em que se operavam as transacções a dinheiro de contado, os arabes foram trocando a ouro os seus velhos duros, até então bem guardados nos seus potes de manteiga.

Mais tarde, quinze annos depois d'aquella epoca, não era ainda possível passar os bilhetes do banco da Algeria nem os do banco de França, além d'um certo raio da costa. O arabe não comprehendia que um bocado de papel pudesse substituir, na sua *djebira*, os duros e as moedas de ouro. Hoje os mouros, os morabitas e os kabyilas expdem pelo correio valores consideraveis para as grandes com-

Como vamos largar, aqui ponho ponto, para continuar do Egypto, a famosa terra dos Pharaós.

P. S.

O porto d'esta encantadora cidade, quasi todo artificial, foi construido com grandes capitães. Não tem menos de 90 hectares de superficie, e pôde conter de 30 a 40 navios de guerra, e 200 mercantes de 150 a 200 toneladas. Do lado da cidade é todo orlado de caes, dominados por um boulevard que apresenta um dos mais bellos aspectos do mundo.

Esta magnifica construção, concluida em seis annos por uma companhia ingleza que dirigia Morton Peto, não tem menos de 1.150 metros de percurso.

Ha aqui diversos edificios notaveis e bellos hotéis, sendo os principaes o de l'Orient, que é o maior, o de Orlis e o de La Régence. Dos cafés, o melhor é o de La Bourne, um dos mais antigos de Alger, e no qual se pôde almoçar ou jantar, como nos melhores restaurantes parisienses.

Segundo me informaram deu-se aqui um phenomeno que poucas vezes se observa. Os carros americanos que percorriam a cidade até ha pouco tempo, e que vi funcionando perfeitamente e com bastantes passageiros, deixaram de funcionar, por não puderem competir com as innumerables carruagens de aluguer em activo serviço na cidade!

E' um phenomeno economico que raras vezes se observa em materia de transportes.

A Algeria é a colonia mais florecente e importante que a França possui, e já hoje, não obstante contar apenas meio seculo de existencia, se acha n'um estado de civilisação e progresso que surprehe de os que a visitam.

EDUARDO DE SÁ NOGUEIRA P. DE BALSEMÃO

KRIMA

(Em Marrocos)

NAS montanhas de Terni, entre os Beni-Uraïd, vivia, ha cincoenta annos, um caçador de leões, cujas explorações prodigiosas alimentam ainda hoje os contos á lareira, nos aduare.

Alguns velhos gabam-se de o ter conhecido. Representava-se-lhes um homem alto, de idade avançada, barba um tanto grisalha, grandes olhos limpados onde scintillava a energia, a franqueza e a bondade. Tinha o aspecto e o coração de um sultão. E todavia Moktar Ben Ali era apenas um covilheiro.

Os Beni-Uraïd só toem a montanha e a planície. A's primeiras chavus do inverno, descem para os trabalhos. Aos primeiros assomos do estio, voltam para os pontos mais elevados.

Vê-se desfilar a tribu nos atalhos escabrosos; á frente um grupo de cavalleiros alivos, apoiando na coxa a coronha do mukala; em seguida as mulheres envolvidas nos haiks brancos, com que encobrem os rostos, levando ás costas os filhos que riem e palram; seguem-se as mulas, sobre as quaes se amontoom as fardas, as pelles de bode cheias de trigo e cevada, as estacas para as tendas; depois os bois e mais atraz o povo assoblando aos careiros e ás cabras; enfim fecha a marcha um tropo de cavalleiros armados.

As chloças estão situadas a meia encosta, n'uma curva da montanha. Vêm-se dispersas, aqui e ali, algumas tendas.

E' no inverno que os leões descem. Quando os altos cumes se tornam brancos, começa-se a ouvir, á noite esse grito prolongado, horrivel, que faz eriçar o pelo dos cavallos, e obriga os cães bravios a refugiar-se, de rastos, debaixo das tendas, esse grito que os Arabes comparam ao trovão, e em que percebem distinctamente essa phrase orgulhosa, pela qual o sultão das florestas afirma a sua soberania sobre os outros seres, e a sua prioridade sobre o proprio homem.

Ahna, ahna... ou ben el mra!

Eu, eu, e o homem!

Krime, a joven esposa de Moktar, era de nobre jerarchia. Foi por amor que desposou o celebre caçador de leões. A autoridade soberana do pai vergou-se ante a vontade inflexivel da filha. Além d'isso, nas tribus a nobreza de coração vale a nobreza de sangue, e postoque Moktar não possuisse na terra mais que o seu mukala, era considerado como igual aos Djouard.

Krime era uma joia de ouro fino, uma maravilha. Pequeninha, gentil, engraçada, tinha o movimento vivo e airoso da ave de azas azues que esvoaça sobre o sulco do arado.

Coloria-lhe o rosto uma tinta dourada como um cacho de uvas maduras; a luz dos seus olhos grandes, tão doces, eram dois raios de sol de abril; as expansões de alegria, o riso e a canção, que a cada momento lhe adjevavam na boca vermelha como uma romã, faziam afugentar os mais negros pezares.

Moktar não podia olhar-a sem que a alma se lhe inundasse de alegria. Rodava-a de carinhos. Durante longas horas, sentado no pé d'ella, contemplava-a a sorrir, escutando o seu caprichoso chilrear como se escuta o canto de uma andorinha entre os cannaviaes. Elle, o homem destemido, era amado de todos, mas amava-a por ventura, mais como creança do que como mulher. Moktar tinha um grande coração, e amava a Krime. Mas quem não errou uma vez na vida? Só Deus é verdadeiramente forte, e a virtude só n'elle habita.

Krime não era a unica em cujo peito tivesse palpitado o coração á vista do onduo caçador.

À tarde, á roda da fonte, cuja agua, brotando em jorros, se doura de magicos reflexos, a essa hora em que, pondo de parte as bilhas, as mulheres dos aduare se entregam a longas conversações, reinava, por vezes, um silencio subito e todos os olhares convergiam para o mesmo ponto:

—Hada houa! (É elle!)

Era Moktar que passava ao longe, na collina, ao longo da floresta. O cano da espingarda, descançado no hombro, dardejava, a espaços, um brilho deslumbrador; o seu perfil nobre e viril destacava-se, esplenido, no fundo verde dos pinheiros, dourados pelos raios ardentes do sol posto.

E, ao desaparecer n'uma volta do caminho, a conversação jámais retomava o seu curso. As mulheres ficavam pensativas. Mais de uma suspirava, seguindo o caminho da tenda com a bilha ao hombro.

Tinha-se ouvido nas ultimas cinco noites o rugido de um leão que estabelecia a sua gruta a poucos distancia, na montanha. Todas as tardes sahia Moktar para lhe ir fazer espera, porém menos feliz que de ordinario, não tinha podido encontrar a fera.

Uma tarde a mulher ficou-o com uma expressão singular, e disse-lhe quando elle ia a afastar-se da tenda:

—Esquece-te de carregar o teu mukala.

Se n'esse momento Moktar reparasse n'ella, surpreheudo-o-ia a pallidez que se lhe espelhava no rosto, mais branco que a flor do sisaná, e o fogo sombrio que lhe chispava nos olhos negros; e então talvez comprehendessee que Krime era uma mulher.

— Bem, respondeu elle, carrego-o pelo caminho.

Elle retorquiu:

—Esquece a cartucheira.

—Por minha vida, onde tenho eu a cabeça? disse Moktar, indo procurar o cinto de pelle de leão em que mettera as munições.

—Tambem a esqueceste hontem á tarde, tornou Krime.

D'esta vez o caçador estremeceu. Cravou na mulher um olhar perscrutador; ella, porém, já tinha tudo de dar outra expressão no rosto, e parecia serena como sempre.

Elle disse-lhe adeus e partiu.

A seu turno, Krime embrulhou-se n'um albornoz e sahio. Não, não era uma inexperiente, não era uma creança: era uma mulher, e a filha dos Djouard.

A noite cahira de todo. O caçador caminhava a passos largos. Ella seguia de longe o seu alto vulto, que se destacava n'uma sombra mais profunda sobre o céu negro.

Para fazer menos bulha tirara os sapatos, e a os pés escorriam-lhe sangue ao pisar as saliencias dos rochedos.

Onde ia Moktar? Não tinha seguido o caminho da montanha. Continuava a caminhar no planalto, onde brillavam algunos luzes dispersas.

Parou a trinta passos de uma cabana em que morava uma mulher divorciada.

N'esse momento sentiu ruido atraz de si: voltou-se. Krime, porém, tinha-se podido occultar n'uma moita; não via nada.

Então chamou:—Merien! A porta da cabana appareceu uma mulher em que scintillavam pedras preciosas e lantejoilas.

Ao mesmo tempo vinham ao encontro de Moktar cões que lhe faziam festas, lambendo-lhe os pés e latindo alegremente.

Moktar entrou com a mulher.

Krime levantou-se sinistra. Afastou-se, mas não seguiu o mesmo caminho. Dirigiu-se para uma tenda isolada, pertencente a um rapaz, que antes do seu casamento lhe tinha feito a corte, chamado Mimoun el Arichi.

Precisamente no dia seguinte, de manhã cedo, Moktar foi deitar uma vista de olhos por um pedaço de terra que tinha cultivado no outono. Por entre as pontas dos rochedos e os espinhos das aciferas bravas, o trigo nascente estendia um tapete de velludo verde, que ondulava aos raios dourados da manhã. Moktar caminhava descauido, cantando a meia voz um antigo estribillo de caça.

Via ao longe approximar-se alguém,— um rapaz quasi imberbe, trigueiro, olhos pequenos, encovados, onde por momentos passava um clarão; ao approximar-se, porém, do caçador de leões esse clarão extinguiu-se e a physionomia tornou-se risibosa.

—Deus te salve, meu pai.

—Deus te guarde, Mimoun el Arichi.

O maneco beijou o hombro de Moktar e começou a caminhar ao lado d'elle, conversando em coisas indifferentes; depois disse-lhe:

—Moktar, meu pai, agrada-te-ia possuir a minha espada indiana, que corta o ferro? Tenho tambem uma taça de prata, d'uma grande virtude, onde estão gravados alguns versiculos do Corão; a agua que n'ella se deita cura muitas doenças; queres a taça? Preferes o meu alcaço queimado, ligeiro como o ar, que passaria sobre o seio d'uma mulher sem a ferir? Dar-te-ei tudo quanto possuo, se me proporcionares occasião de satisfazer um desejo que ha muito tempo me invade o coração. Queria matar um leão.



Capella onde repousavam os ossos de Pedro Alcares Cabral, na egreja da Graça, em Santarem



A fachada da igreja da Graça, em Santarém

Os teus oferecimentos são inúteis, meu filho. E's bravo, o teu desejo bem o prova, e é isto bastante para que eu esteja prompto a auxiliá-lo. Mas tens certeza no teu tiro?

— Dá-me a tua espingarda.

Nas alturas pairava uma aguilha. El Arichi apontou um instante apenas o tiro parin; e a aguilha batendo as asas, depois cahiu verticalmente como uma pedra. A bala tinha-a ferido no coração.

— E's tão habil quanto bravo, disse Moktar. Isto porém não é prova sufficiente.

— Ouva, creança, um segredo que só conhecem os velhos caçadores como eu. Para matar o rei dos bosques, antes de tudo é preciso ser homem de bem; não ter na consciencia o mais leve crime, a minima villania. Aquelle que commetter um crime ou meitia uma má accção, ainda o mais intrepido, não pode ouvir o rugir do leão sem que o receio lhe entre até o mais recôndito da alma; a mão treme-lhe e erra o alvo. Responde, pois, com franqueza: a tua consciencia accusa-te de alguma cousa?

— De nada, respondeu El Arichi com a voz firme e a fronte erguida.

— Agora fita-me bem, tornou Moktar.

Durante alguns instantes, conservou sob a acção do fogo radioso de suas pupilas bronzeadas os olhos do mancebo, que nunca se baixaram.

Poder-se-ia mesmo notar que dardejavam um brilho singular. Mas o bom Moktar não tinha a menor suspeita.

— Bem, disse elle, satisficte com a prova.

Podes affrontar o olhar do leão. Eu vou empregar a manhã em seguir-lhe as pégadas e preparar o local conveniente. Espera-me esta noite na tenda.

Era já sol posto quando se puseram a caminho. Moktar tinha carregado a espingarda do seu joven companheiro com um cuidado paternal.

Ao sahir da tenda poz a mão no hombro de El Arichi, e, com um sorriso alegre, mostrou-lhe o céu:

— Uma haesuma! Bom presagio, disse elle.

A claridade que brilhava ainda a uma certa altura, redemoinhava um bando de aves negras, descrevendo grandes circulos concentricos e fazendo com as asas um rumor semelhante ao bramir do mar.

— Pelo numero d'estes corvos, tornou o caador, podes calcular a presa que lhes está destinada. E' um velho leão de primeira grandeza. Medi as pégadas; excedem a um palmo. Quasi que tenho inveja de ti, meu filho. Nunca a minha bala cahiu fêra mais bella.

Chegaram perto d'um regato, cujas margens estavam cercadas de espinhos de tamarindos. Moktar mostrou as esperas, postou El Arichi por detraz d'uma moita e foi-se collocar a uns vinte passos de distancia.

Depois esperaram em silencio. A noite sobreveio, illuminada apenas pelo debil clarão da lua no quarto crescente. Aqui e alá, na immensa solidão, ecoaram gritos, uivos. Passaram vultos rapidos, quasi impalpaveis. Viram um veado, grande numero de porcos-espinhos; seguiram-nos alguns chacacs, mas não se atreviam a atacá-los. Os chacacs ficaram na margem do ribeiro saltando regatos lamentosos.

Uma massa mais alta, disforme, fel-os fugir; era a hyena.

Bebeu, depois voltando para a lua a cabeça fúnebre, de olhos penetrantes, modulou um grito doloroso e prolongado e afastou-se coxeando e derruada.

Os chacacs saltaram; e o cêro recommçou.

Um grande estrepito de ramos que se partem, um rastejar rui-

doso approximou-se com incrível rapidez. Depois a agua agitou-se, fervendo como n'uma caldeira.

Era uma vara de javardos. Granhindo de prazer, mostravam fóra d'agua as cabeças negras.

De repente saltaram um granhido de terror. O bando fugiu a toda a brida. De mauzo, como se cahisse do céu, um corpo flexivel, slongado, com as garras extendidas, a guella aberta — uma panthera — saltou sobre elles. Começou a carnificina. Os chacacs, a hyena, a onça, o lynce, o gato bravo andavam á roda do festim, descebalando os perfis ferozes sobre o ceo que empallidava com o desaparecer da lua.

Cada vez em maior numero, saltavam semelhantes a demonios, e então ouvia-se um concerto vertiginoso de uivos, de estertores, de rios, de soluços. De subito tudo se calou. Reinou um silencio tão completo que os dois caçadores puderam ouvir distinctamente o ligeiro murmurio da agua na areia e do vento na floresta.

— Encommenda-te a Deus, disse Moktar quasi imperceptivelmente.

Pelo caminho que desce da montanha, a passos lentos, majestosos, o leão avançava. A sua juba descolava-se sobrietas com reflexos de purpura. Os olhos de ouro, brilhantes, illuminavam a noite.

Approximou-se da ribeira e bebeu tranquillamente.

Foi n'este momento que o tiro de El Arichi quebrou o silencio na solidão. Mas o que lhe respondeu não foi a voz do leão, foi um grito humano, um grito espantoso que subiu até Deus como uma prece, como uma maldição rancorosa e terrível.

Um vulto ensanguentado levantava-se para logo cahir, enquanto que uma outra forma humana fugia desvalvada através dos tamarindos.

O rei das trevas hesitou um instante entre os dois, — o colar de o bravo. Por fim escolheu o ultimo.

El Arichi parou arquejante no alto da collina. Vin a fêra monstruosa despedaçar Moktar, amagali-o com o peso do seu corpo, fazer d'elle com as garras e os dentes, um destroço horrroso, onde a cuto se poderiam reconhecer os restos d'um ser humano.

O assassino retornou a fuga.

Pouco depois, por um canto da tenda de Krima appareceu uma cabeça livida, com os cabellos em pé, pronunciando estas palavras:

— Posso, emfim, chamar-te minha mulher!

Logo que expirou o prazo do lucto a viuva do homem de nobre coração casou com o assassino.

Foram bem risonhas essas nupcias.

O prado onde a festa se celebrou estava esmaltado de flores da primavera, entre as quaes sobresahiam essas floridas gentis, d'um vermelho vivo, chamadas göttas de sangue.

El Arichi amava Krima apaixonadamente. Krima parecia feliz. Em toda a manhã, em volta da tenda, fez-se ouvir a sua canção predictiva, que subia até o céu. E, n'essas conversações da tarde, debaixo do salgueiro, a beira da fonte, a rapariga elogiava a cada passo, em phrases entusiasticas, o seu novo esposo.

E as mulheres olhavam-se surprehendidas de tantos elogios, estupefactas de que Krima houvesse tão depressa olvidado o grande Moktar.

O estio passou com as suas noites suffocantes, cheias de pesadellos e essas refregas quentes do vento sul, como lamento.



A nave central da igreja da Graça, em Santarém

Depois o outono juncou os campos de violetas, pobres flores eslutadas que a sanidade das viúvas vas depór no funúlio d'um sepo.

A pouco trecho vieram os primeiros frios. No horizonte cobriram-se os cumes de neve.

Uma noite El Ariehi despertou a um rumor longínquo, apenas perceptível, mas que, todavia, o fez estremecer.

Era o rugido d'um leão.

Lançou em tórno um olhar rápido. Kríma dormia.

Na noite seguinte, fez-se ouvir de novo o rugido. Augmentava de noite para noite, aproximando-se sempre.

E, cada vez, que o ouvia, tornava-se pallido, a fronte cobria-se-lhe d'um suor frio, porque reconhecia aquella voz.

De novo olhava para Kríma. Ella continuava a dormir.

Uma noite o rugido recouo tão terrível que El Ariehi, perdido de cabeça, correu para o seu mnikala e poz-se em guarda.

Por espaço de mais de um quarto de hora, sentiu-se um bramido continuo, que parecia partir sempre do mesmo ponto, sem que, contanto, se approximassem ou afastassem.

El Ariehi escutava, apavorado, com o dedo no gatilho. Kríma conservava-se na mesma posição, immovel sob o seu haik branco.

El Ariehi contempou a demoradamente; crispavam-se-lhe as mãos e a vermelhidão substituiu a pallidez nas suas feições transtornadas.

— E' preciso, murmuroo, que eu mate este leão; ou então expór-me hei a ser desprezado por ella!

Com mão febril agarrou no mnikala e sahio.

A noite locava o seu termo; era n'essa hora a que, segundo a expressão arabe, se póde distinguir um fio branco do fio preto. O céu impallidicou, mas a terra não estava menos escura e todos os objectos que se entreviam tomavam formas phantasticas e ameaçadoras.

El Ariehi já não tremia; n'aquelle assassino palpitava um coração. Deslucava de morte em morte com os dentes cerrados, o olhar brilhante de uma resolução sombria.

— Onde te poderás occultar, assassino?

Passados instantes já se não ouvia nada.

El Ariehi tinha por fim parado, incerto sobre a direcção que devia seguir; sondava no longe o campo silencioso, quando recouaram novos rugidos, e, tão proximo, que julgou sentir no rosto o hato do leão. Todavia não se distinguia nada. El Ariehi levantou-se de um salto, saltando uma gralhada.

— E' vellho covil! — Yass ser meu, enfim!

E voltando á direita, sem hesitar, encouo n'um cerrado onde as brenhas eram mais altas. Caminhou com precaução, desviando os ramos com as mãos, até que se encouou diante de uma enorme mancha negra como tinta, — um buraco escancarado, um pardeiro abandonado, cujas paredes estavam em parte desmoronadas.

N'aquellas trevas avançavam e recuavam dois carvões ardentes, como carbunculos.

El Ariehi apontou-lhes e desfechoo.

Ao espantoso battallo que se seguiu á detonação julgar-se ia ver levantar-se o solo; as duas brazas saltavam, traçando hieroglyphos inflammados, como arcobotes sacudidos por mãos phreneticas.

Memmo carregando a arma, El Ariehi, cujos olhos se iam acostumando ás trevas, distinguia a fúmeo e pouco a pouco as formas do primeiro. Invadiu-o por um instante, um estremecimento. Não se havia enganado; tinha diante de si o grande leão fulvo com que se tinha encontrado um anno antes frente a frente n'aquelle noite sinistra.

Fuz fogo seguiu-se. Depois, ao voltar-se, viu a alguns passos de distancia, no acimentado do crepusculo, Kríma immovel e silenciosa.

— Alegra-te mulher, disse El Ariehi. Este facho de fogo, sou eu que o vou extinguir; este destruidor do bem dos pobres, vas ser por sua vez destruido pela pólvora!

Ella não respondeu.

El Ariehi carregou ainda muitas vezes a arma, e outras tantas a descarregou sobre o leão, que estáo já se não debatia. Comprehendendo que a fúcta era impossível, e saltou das florestas, resignado a morrer, tinha-se estirado dandemhos com o fechoo entre as garas. Á cada tiro voava-lhe uma porção de pilos, surria-lhe pela pelle um calafrio, e os seus olhos languidos abriam-se apenas para deixar passar um claro de desprezo soberano.

Esta attitude acabou de irritar El Ariehi; pôr no chão a arma cujo cano abrava, e inclinado para a cová, injuriou o leão, chamando-lhe:

— Ladrão de estrada! Traidor dos musulmanos! Filho maldito! Judeu!

As suas injurias e motejos extinguiram-se n'um grito horrivel, e o senhor das selvas levantou lentamente a cabeça enorme; El Ariehi tinha sido precipitado no covil.

— Morre, assassino!

No fundo livido do céu, com os cabellos soltos, os olhos injectados de sangue, Kríma ergueu-se como um espectro, tendo sempre estendidos aquelles braços que acabavam de entregar á morte El Ariehi.

— Assassino! assassino! repetia incessantemente com voz cava.

Os olhares desvirados do miseravel fitavam-se alternativamente n'aquella mulher, cujas feições se lhe apresentavam pela primeira vez sob o seu verdadeiro aspecto, e no leão que o ia devorar. Era na mulher, porém, que a expressão se tornava mais terrível.

— Assassinos do mais bravo entre os bravos, morram nas mãos um do outro!

A pallida e fria madrugada foi substituida por uma aurora esplendida, que inundoa de luz o céu e a terra.

Alguns creações que condziam os seus rebanhos ao pasto, viram ao pé do vellho covil, uma especie de estaca em pé, inteirada, fluctuando-lhe os vestidos ao vento. Approximaram-se e reconheceram Kríma.

Na cová viram um leão morto confundido entre destroços humanos.

Interrogaram a rapariga.

Ella não respondeu. Os pastorinhos fugiram aterrados.

Depois vieram homens.

Perseguida com perguntas, Kríma pareceu sair de um pesadello. Pediu que se reunisse o conselho da tribu para ouvir o que ella queria revelar.

E' diante dos chefes de familia graves e austeros, ante os velhos pensativos e tristes, a jovem ajoelhou e disse:

— Mandem-me matar!

Aquella voz com surdas entonações fez estremecer por muito tempo a assembléa como o bramir sombrio da vaga — Tinha contado tudo.

Condennaram-n'a a morrer á pedrada.

N'uma planura deserta á beira de uma cová cercada de matagal bravo, onde, na primavera, as aves gorgeiam e, no inverno, a corrente se precipita com estrondo, vê-se um montão de pedras sobre o qual a madresiva espalhou o seu manto de flores brancas e vermelhas. E' o túmulo de Kríma supplicada.

Arthur Arc.

Trindades

O sol declina e morre,
Pouco a pouco, n'um trémulo de Poente...
O mar, espelho de aço, reluzente,
De praia em praia corre...

Os rouxinões, poetas,
Vibram, pelos silvados, harmonias
Todas cheias de flebeis nostalgias,
Do aroma das violetas.

Os sinos das capellas
Badalam lentos toques de trindades...
Ladram rafeiros dentro das herdades,
Valentes sentinellas!

Robustos lavradóres,
De enxada ao hbro, voltam do trabalho,
Vão para casa em busca do agazalho
Do lar dos seus amóres.

Caminham nas estradas,
Carrros de bois d'uma feitura rude;
Ouvem-se, ao longe, as aguas d'um acude
Cahindo remansadas.

Morcegos de aza escura,
Vôejam sinistros rentes dos tellhados...
Apparecem os astros constellados
Fulgindo pela altura.

Por entre as ramarias,
Vôam as aves ageitando ninhos;
O vento faz balbuciar nos linhos
Maviosas symphonias.

A lua, clara e cheia,
Acolytada de astros, arrebatada...
Surge, cõimando, com clarões de prata,
A socegada aldeia.

Abilio Maya.

Lógica

Ái d'aquelles que, um dia, depuzeram
Firmes crencas n'um bem que lhes vou!
Ái dos que n'este mundo ainda esperam!
Terão a sorte do quem já esperou...

Ái dos pobrinhos, dos que já tiveram
Oiro e papeis que o vento lhes levou!
Ái dos que tem, que ainda não perderam,
Que amanhã, serão pobres como eu sou.

Ái dos que, hoje, amam e não são amados,
Que, algum dia, o serão, mas sem poder!
Ái dos que soffrem! ái dos desgraçados

Que, breve, não terão mais p'ra soffrer!
Ái dos que morrem, que lá vão levados!
Ái de nós que ainda temos de viver!

Pampilhos, 1905

Antonio Nobre.

ROMA—Museu do Vaticano



Laocoonte

O Grupo "Patria"

(Decorum est pro Patria mori)

Foi a 3 de setembro de 1893 que na Carreira de tiro da guarda de Lisboa, em Pedronços, foram disparados os primeiros tiros com espingarda de guerra, pelos primeiros portugueses da classe civil que honrosamente ali concorreram e aos que, — seja dito de passagem, — ella deve ainda hoje a existencia; pois por muitas e repetidas vezes em certas epochas do anno só devido á sua comparencia tem podido funcionar. Assim o attestam os registos officiaes.

E que portuguezes deram esse patriotico exemplo?

A quem cabe essa honra e essa gloria?!

A esses bellos rapazes, cujo grupo illustra hoje esta pagina — ao Grupo «Patria».

mente patrióticos, com um regulamento simples mas harmonico e cantolosoamente feito, desde o primeiro concurso de tiro civil que houve em Portugal, 6 e 7 de janeiro de 1894, tem até hoje progredido, vendo assim justamente recompensados os seus trabalhos e os esforços dos seus atradores, sempre os mais assiduos e entusiastas na carreira, sem contudo fazerem alarde das glorias que conquistam.

O seu regulamento, do qual conhecemos a contextura, é *suave* e realmente curioso.

Quem ler os primeiros artigos ou numeros, em que ordenadamente e com o maximo criterio estão distribuidas e expressas, com verdadeiro amor e entusiasmo patriotico, as suas funções ensinadoras e de adtreinamento; quem observar com attenção a sua organização interna e o auxilio que mutuamente os seus associados prestam uns aos outros, no conhecimento theorico e pratico das regras a observar no tiro e no manejo e emprego das armas, que ainda conhecer a harmonia e dedicacão fraternal que sempre tem reinado n'esse agrupamento, bem fará justiça ás nossas palavras, bem nos defenderá das iras e das apreciações malevolas dos que nos pretendam alcinhar de aduladores ou lisonjeiros.

O seu directorio não é disputado em lucta, por meio de ridiculos processos eleitoraes. E' o mais dignamente — de espingarda em punho, na



Longe a ideia de pretender detalhadamente fazer a historia d'este patriotico agrupamento, ao qual directa e positivamente se prende a genealogia do tiro civil no nosso paiz. E' difficil seria a tarefa, embora os seus ensinamentos fornecessem muitos e muitos exemplos a seguir, embora sem a menor discrepancia authentica, o cunho d'este grupo verdadeiramente portuguez, tão difficil hoje de manter sem intrigas, desgostos e dissabores.

Quem, detalhadamente, com a imparcialidade tão necessaria a quem pretende apreciar factos, percorrer os annaes do tiro civil em Portugal, de certo estará commosco na apreciação que fazemos.

Se o nome de Antonio Augusto Duval Telles, é dever relembrar, por dar corpo a esta patriotica ideia em 1890, se o de Luiz Augusto Pimentel Pinto não deve ser esquecido, por a tornar definitivamente regulamentar, sem formalidades absurdas e inaceitaveis, ao firmar o decreto de 18 de agosto de 1893, se ao de Alberto José Vergueiro é devido prestar culto por se lhe dever o resultado pratico da admissão da classe civil nas carreiras militares, tambem ao Grupo «Patria» não podem ser cercadas as honras de, em 3 de Setembro de 1893, ter inaugurado o tiro civil em Portugal, e posto em pratica o direito conferido pelo n.º 9 do ultimo citado decreto, que lhe garante, embora com a inveja d'alguns, a sua honrosa existencia.

Com uma sã orientação baseada e assente em principios verdadeira-

carreira. E' assim que a eleição recae nos que melhor hajam sido classificados no concurso official.

O Grupo «Patria» tem tido, por directores civis, portuguezes, que em epochas diferentes muito se tem distinguido.

O 1.º foi José de Araújo de Lacerda, hoje distinctissimo medico e director do Hospital D. Amelia na provincia de Moçambique. O 2.º, Antonio Marcellino de Souza, que em 24 de junho de 1894, ganhou a primeira medalha de ouro mandada cunhar pelo ministerio da Guerra, para ser conferida a atradores civis, e outra de prata, mais honrosa talvez e até então a mais difficil de obter, firmando assim bem significativamente os seus creditos de atrador e o bom nome do seu Grupo, que em vida tanto amou.

Quantas vezes temos visto com lagrimas saudosas e sinceras relembrar os nomes d'estes bellos rapazes, a memoria d'aquelle que lhes foi tão querido e que a morte tão cedo arrebatou, com tardio conhecimento até dos que tanto e tanto o amavam.

Veiu occupar o seu lugar vago L. Fausto Guedes Dias, 3.º director do Grupo, mas já seu director-instructor desde 1895.

O 4.º director foi Alfredo Lopes d'Azevedo. Em 29 de maio de 1898 Lopes d'Azevedo foi substituido por Gonçalo Heitor Ferreira.

Se fosse necessario relembrar os servicos prestados por este Grupo de atradores civis, teriamos de escrever um grande volume. Da sua pe-

ricia falam bem alto as medalhas com que se condecoraram os seus associados.

Bastará citar que no grande concurso internacional de tiro, que fazia parte da celebração do Centenario da India, e a que concorreram 307 atiradores, apresentou o Grupo «Patria» 14 dos seus associados, alcançando o grande primeiro premio e medalha de ouro: Gonçalo Heitor Ferreira e mais dez primeiros premios os atiradores, J. Carilho Garcia, J. T. Coelho, Rodrigo Peixoto, Ligario Silvestre da Silva, Antonio Gonçalves Santiago, Alfredo Lopes da Azevedo, Guilherme Silva, Eduardo Jayme Aldim e Agostinho Manoel de Souza.

«Decorum est pro Patria mori.»

Thomas Coelho.



In mezzo del camin

... tu guarda, e passa.
(DANTE)

Parámos um momento... e olhemos para a estrada
Que nós dois, coração, ficar a traz deixamos.
Parámos um momento. A loira madrugada
Clará alegremente a cupula dos ramos.

— «E' muito longe ainda aquillo a que nós vamos? ..
Ainda é muito longe a estancia descejada? ..»
— Quem sabe, coração? .. A plaga que buscamos
Pertence do futuro á região velada.

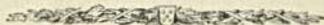
Quem sabe o que se occulta além d'essa muralha
Que Deus pôz ante o olhar d'aquelles que amortalha
Da vida no sudario? ... — «A aurora descejaça

De todo a loira trança, e á sua luz, risonho,
Vejo ao longe um paiz» — Esse é o paiz do Sonho ..
Cuidado, coração! ... Olha sómente... e passa.

Recife.

(Do «Colarinho».)

Mendes Martins.



Os olhos de Joanninha

Olhos verdes!...

Joanninha tem os olhos verdes ..
Não se reflecte n'ella a pura luz do ceu, como em olhos azues.
Nem o fogo — e o fumo das paixões, como nos pretos.
Mas o rico do prado, a frescura e a animação do bosque, a flu
ctuação e a transparência do mar...

Tudo está n'aquelles olhos verdes?
Nos olhos azues de Georgina arde, em sereno e modesto brilho,
a luz tranquilla de um amor privado, depois, que deu quanto havia
de dar, quanto tinha que dar.

Os olhos azues de Georgina não dizem senão uma só phrase d'a
mor, sempre a mesma e sempre bella: *Amo-te, sou tua!*

Nos olhos negros e inquietos da Soledade nunca li mais que es
tas palavras: *Amo-me que és meu!*

Os olhos de Joanninha são um livro immenso, escripto em caracte
res moveis, cujas construcções infinitas excedem a minha com
preensão.

Que querem dizer os teus olhos, Joanninha?

Que lingua falam elles?

Oh! para que tens tu os olhos verdes, Joanninha?

A assucena e o jasmim são brancos, a rosa vermelha, o alecrim
azul ..

Roxa é a violeta, e o junquillo cõr de ouro.

Mas todas as côres da natureza vêm de uma só, o verde. No
verde está a origem e o primeiro typo de toda a belleza.

As outras côres são parte d'ella; no verde está o todo, a unidade
da formosura creada.

Os olhos do primeiro homem deviam de ser verdes.

O ceu é azul ..

A noite é negra ..

A terra e o mar são verdes. ..

A noite é negra mas bella: e os teus olhos, Soledade eram ne
gros e bellos como a morte.

Nas trevas da morte luzem as estrellas que são tam lindas ..
mas no fim de uma longa noite quem não suspira pelo dia?

E que se vão .. oh! que se vão emfim as estrellas!...

Vem o dia... o ceu é azul e formoso, mas a vista fatiga-se de
olhar para elle.

Oh! o ceu é azul como os teus olhos, Georgina...

Mas a terra é verde: e a vista repousa-se n'ella, e não se cança
na variedade infinita de seus matizes tam suaves.

O mar é verde e fluctuante... Mas oh! esse é triste como a
terra é alegre.

A vida compõe-se de alegrias e de tristezas...

O verde é triste e alegre como as felicidades da vida.

Joanninha, Joanninha, porque tens tu os olhos verdes?...

Garrett.

Soneto

*Ha hum medonho Ahyamo, onde inqúis
A impulsos das paixões a Humanidade,
Inspera alli terribel deidade,
Que de torvas Ministros se roda:*

*Rubro facho a Discordia alli meua,
Que a mil scenas de horror dá claridade,
Com seus socios — Tração, Morda-vidale —
Rançe os dentes a Inveja escura e fta:*

*Vê-se a Morte cruel, no punho alçando
O ferro de sangueo, erado gume
E a toda a Natureza ameaçando;*

*Vê-se arder, fumejar sulfureo lume...
Que estrondo! Que pavor! Que ahyamo infando!
Mortaes, não he o Inferno, he o Ciume.*

BOCAKOS



Silva Leal

Thezoureiro do Conselho director da Sociedade Litteraria «Almeida Garrett»

Com o retrato do incommoçavel thezoureiro d'esta sociedade completamos
hoje todo o conselho director, visto que os srs. Gabriel Pereira e Xavier
da Cunha são já conhecidos dos nossos leitores, do numero 95 do «Brasil-
Portugal».

Eduardo VII

Está decidida oficialmente a vinda de S. M. o Rei de Inglaterra a Portugal. É a primeira vez que Eduardo VII sae do seu paiz, depois que reina, e a primeira visita é a El-Rei D. Carlos I. Breve vae Lisboa cobrir-se de gala para receber o soberano da grande nação inglesa, nossa aliada, e á qual nos unem tradicionais laços de antiga estima. O *Brasil-Portugal* que dá hoje mais uma vez os retratos do Rei e da Rainha de Inglaterra, acompanhará, pela objectiva photographica do seu distincto collaborador Arnaldo Fonseca, todas as festas que se realisarem em honra de S. M. Eduardo VII.

Lord Greencook

Um dia o creado de quarto de lord Greencook chegou com todo o respeito a seu amo, e travou com elle o seguinte dialogo:

— Mylord, tem a bondade de me dizer que horas tem no seu chronometro?

— Para que queres saber isso, meu velho John?

— Tenho uma carta do pae de mylord para mylord, mas não lh'a posso entregar senão ás 4 horas e 17 minutos.

Lord Greencook puxou do seu relógio.

— São quatro e quatorze minutos e meio.

— Esperarei dois minutos e meio, disse o velho John.

Lord Greencook fez um signal affirmativo com a cabeça, e tornou a metter o relógio na algibeira.

No seu rosto não se lia o pequeno signal de impaciencia.

— Quanto falta agora mylord?

O lord tornou a puxar pelo seu chronometro.

— Trinta e sete segundos.

O velho John desbotou dois botões da sua casaca, levou a mão ao bolso interior, e tirou uma carta, em cujo envelope se lia:

*Para ser entregue a meu filho lord Greencook, ás 4 horas e 17 minutos pelo seu creado de quarto, o velho John.

O creado mostrou os dizeres do sobrescripto a lord Greencook, que tornou a fazer um gesto affirmativo com a cabeça, seguindo o movimento dos ponteiros do relógio.

— Stop! disse lord Greencook.

O creado entregou-lhe a carta e retirou-se.

A carta dizia assim:

*Meu filho

O *spies* mettu-se-me no coração, como um bicho de seda no casulo. Para expulsar este maldito verme só ha um remedio — um tiro no casulo. Vou dá-lo depois de me despedir da nossa rainha, e de andar quatorze leguas a trote no meu *pur sang*. É ainda uma despedida.

Quando esta te chegar ás mãos já não tens pae. Tem paciencia, meu filho. Eu sei que não sympathizas demasiadamente com a cor preta, mas, acredita que não tens razão. O preto deve ir-te admiravelmente. Em todo o caso, se não quizeres vestir-te de luto, tens um meio simples. Vae passar uns tempos na China. A' volta todos imaginá-lo que deitaste luto por teu pae. Agradece-me este conselho, que é o ultimo, ou antes, o penultimo, porque vou dar-te outro.

Meu filho, quando casei com tua mãe comprei dois aneis, um dos quaes é esse que tu possues, e que eu te dei no dia do teu casamento. É certo que o tens no dedo, e que, n'este momento, aca-

has de olhar para elle, admirando mais uma vez a pureza da sua radiante e formosissima esmeralda.

Pois meu filho, essa esmeralda, cuja belleza tu sempre imaginaste unica, tem uma rival. É a de outro anel que pertenceu a tua mãe, e que eu um dia lhe pedi, dizendo-lhe que era para o mostrar a lady Ellen, quando em verdade era para o dar a miss Mary *** que m'ó tinha exigido como a ultima prova do meu amor.

Disse depois a tua mãe que tinha perdido o anel. Ella acreditou, ou fingiu acreditar: eu nem dei attenção a isso, porque a minha alma estava então com miss Mary.

Julgava ter comprado a minha felicidade e com elle anel, meu filho, e parecia-me até que a comprára demasiadamente barato.

Enganára-me. Na maldita noite em que tua mãe deixou de ter aquella formosissima esmeralda no dedo, perdi para sempre a minha velha alegria, a boa companheira que tão fiel me fora até áquelle momento.

É isto que te digo. Não sei como isto aconteceu, mas a verdade é que nunca mais tornei a ser feliz, a verdade é que nunca mais tornei a ganhar uma aposta no *Sport*, um *scheme* ao *Witch*, a verdade finalmente é que, desde essa occasião, senti o lancinante espinho do *spies* a atravessar-me, a apunhalar-me.

Agora ouve o meu conselho. Tu és rico, és fabulosamente rico. Pois bem: emprega a tua fortuna, se tanto for preciso, para rehaveres esse anel que é a causa da morte de teu pae, e, sem o qual, juro-te, meu filho, não podes ser feliz. O dia em que esse anel estiver no dedo de tua mulher, será o teu primeiro dia de felicidade. Faze tudo por o encontrar. Eu falo-te como se fala d'além campá. Só podes ser feliz quando tua mulher possuir esse anel.

Adeus meu filho. Desculpa a extensáo d'esta, mas agora é que eu realmente posso empregar a celebre phrase de não sei quem: "Não tenho tempo para escrever menos."

Tu pae
William.

Quando lord Greencook acabou de ler esta carta tinha resolvido o difficilissimo problema de se tornar mais branco do que era. Deixemol-o, porém, chorar a morte do pae, para o irmos encontrar d'ahi a quinze dias tornando a ler a excentrica epistola de lord William Greencook.

*Eu falo-te como se fala d'além campá. Só podes ser feliz quando tua mulher possuir esse anel.

Eram estas as palavras que lord Greencook tomára para thema das suas profundas meditações, as palavras que, á imitação do *Mane. Theed Phaces*, vinham perturbal-o no meio da sua felicidade.

Porque lord Greencook era feliz, completamente feliz, extrair diariamente feliz.

Tinha uma fortuna colossal, saude de ferro, e uma formosissima esposa de quem todos os dias recebia as maiores provas de amor e estima.

Mas aquellas malditas palavras não o deixavam socegar.

A ideia de que para ser feliz precisava d'aquelle anel cravá-lo no cerebro.

— Hei-de obter esse anel, concluiu elle por fim. E um bello dia assu de casa com o seu velho John, decidido a não voltar, ou, embora não trouxesse nem um penny a voltar com a preciosa esmeralda.

Sete annos durou a viagem de lord Greencook. Sete annos terribes, cruéis, durante os quaes não fez outra cousa senão procurar, procurar, procurar sempre, por toda a parte, com uma actividade nervosa, com a febre de quem procura a felicidade, com a tactica com que um general procura o inimigo, com a tenacidade unica com que um inglez sabe procurar... N'isto se resumiu o seu viver durante aquellos sete annos.

A primeira pessoa que procurou foi lady Ellen.

Disseram-lhe que estava em Paris.

Foi a Paris.

Ahi soube que ella partira para Genebra. Correu a Genebra. A lady partira horas antes para S. Petersburgo. Não hesitou. Dirigiu-se a S. Petersburgo.



Eduardo VII
Rei de Inglaterra e Imperador das Indias

Encontrou-a ali finalmente.

Contou-lhe o caso, e a velha lady, que tinha então os seus sessenta annos, entendendo que uns resíduos de pudor não lhe deviam ficar mal de todo, começou a esfregar o rosto com as mãos. Um pouco vermelha depois d'esta operação, respondeu, com umas grandes ares de dignidade offendida: "parece impossível que um lord de Inglaterra venha insultar uma lady a sua casa".

Lord Greencook nem por isso desanimou.

Pedi, rogou, supplicou com tanta paixão, com tanta eloquencia, que a velha lady, cada vez mais corada, graças sempre ás promissuras frias ao rosto, começou a ter compaixão do infeliz lord, e confessou-lhe, ao rubro cereja, que dera o anel a um tenor.

A um tenor!

Lord Greencook teve um pequeno gesto de contrariedade.

Vá lá saber-se onde pára um tenor! Uns sujeitos que tão depressa estão no Egypto, como em Madrid, como em Constantinopla, como no inferno!

— E o nome d'esse tenor?

— Tripolini, disse a lady, imitando a pronuncia italiana, com a doçura compativel com uma garganta britannica. O infeliz Greencook partiu logo em busca de Tripolini.

Levou anno e meio essa busca.

— Um dia agarrou-o no fitio de Janeiro, quando elle ia para um ensaio geral.

— Sir Tripolini?

— Si, mio caro. Che cosa volete?

Lord Greencook contou-lhe tudo.

— Ah! sim, tenho uma ideia d'esse anel. Foi effectivamente uma ingleza que m'o deu. Uma ingleza alta, esguia, muito direita, que quando falava parecia que estava a mastigar pedras. Oh! meu caro, dei-o em Sevilha á mais formosa de todas as mulheres que usam mantilha e abalho. Ora espere, espere... chama-se... Pepa de Alta Lita.

Lord Greencook voltou-se para o seu velho John:

— John, faze as malas: partimos para Sevilha.

A andaluza tinha dado o anel a um toureiro, este a uma portugueza, a portugueza tinha-o posto n'um prego onde fôra comprado por um brasileiro, a quem o creado do quarto o roubou, indo vendel-o a uma franceza, que o deu ao seu namorado, um elegantissimo rapaz que lord Greencook foi encontrar por fim em Londres, e a quem pela centesima vez contou as suas peregrinações por causa do celebre anel.

O francez ria como um perdido da excentricidade do lord, mas, logo depois, pondo se muito serio, disse-lhe:

— Peço-lhe desculpa d'este excesso de hilaridade. Isto é genio nosso.

Lord Greencook fazia gestos affirmativos com a cabeça.

— Mas o anel?

— Chegou tarde, meu querido. Esse anel pagou-se ha tem uma primeira noite de amor.

— E não ha meio de o reaver? Eu estou prompto a dar mil, duas mil, tres, dez mil libras sterlingas por elle!

— Não ha meio de o reaver, mylord.

Lord Greencook mettia dô n'aquella occasião.

— Ha de haver, pensava elle, recordando-se com grande espanto de que era queimado em Londres que vivia sua mulher, a sua grande mulher que elle não via ha sete annos.

— Como deve estar mudada, murmurou baixinho. E logo depois: — John, vamos para casa.

Bateu á porta D'ahi a nada estava em frente da sua muito prezada esposa.

Ella, apenas o viu, correu-lhe ao encontro, e recebeu-o de braços abertos.

Lord Greencook deu um grito de espanto.

Era finalmente feliz!

No dedo de sua mulher brilhava a formosissima esmeralda.

O duello do coronel

Ha um anno apenas fui a Besançon assistir ao casamento de um amigo meu A noiva pertencia a uma familia muito estimada, quasi popular. A cerimonia foi brilhantissima. A tarde, como é uso no pais bisonnico, todos os convidados se reuniram para um esplendido banquete. Quando eu procurava um lugar á mesa, senti que alguém me punha a mão no hombro: voltei-me. Estava em frente de um offical de dragões de trinta e cinco annos pouco mais ou menos, com um rosto fino, emoldurado em cabelos loiros.

— Não me reconheces? disse-me elle.

— Como?

— Sou Gustavo Hammer, o teu antigo camarada de Santa Barbara. Estava eu a jogar o gallo no jardim de Fontenay-des-Roses quando te vi pela primeira vez. Parece-me que ainda te estou a vêr, muito pallido, com o cabello ruivo cortado á escovinha; estavas um typo muito bom com os teus olhos muito vivos no meio da tua cara branca. Chegaste-te a mim e disseste-me: "Dá cá umas bolas, eu dei-t'as, e ficámos amigos. Esse bello tempo durou tres annos.

Ninguem, ao encontrar um antigo companheiro de collegio, deixa de sentir uma viva commoção; o collegio é uma prisão tão insupportavel! Tornar a vêr um antigo camarada, é o mesmo que tornar a vêr um companheiro de prisão. Gustavo Hammer sentou-se ao meu lado. Comemos com um bello appetite, communicando-nos mutuamente as nossas tristezas e as nossas alegrias. Elle quasi que tinha a certeza de ser promovido a coronel em tres annos de um anno. Na idade que elle tinha, é raro. A meia noite acompanhou-me até á estação, a pé, e prometeu que me iria visitar quando fosse a Paris. Abraçámo-nos antes de nos separarmos. Era um bom rapaz! Ao vê-lo rejuvenesci vinte annos!

Passaram-se largos mezes, e não tornei a ouvir falar d'elle. Não, minto: em maio, li no *Journal Officiel* que o meu amigo fôra promovido, como esperava já, a coronel de caçadores a cavallo. Mandavam-no para uma bella guarnição, para Maubeuge, na fronteira belga.

Nos fins de agosto, á noite, andava eu a passear nos Campos Elysiens: eram nove horas e meia pouco mais ou menos. Em torno de mim, a animação de uma noite de verão. Muitos passeantes; gente sentada em cadeiras de ferro no passeio; á direita, um café concerto com as suas grinaldas de luz que dão ás pobres arvores exiladas um tom de tristeza. Pobres arvores! que mal fizeram ellas a Deus para serem condemnadas a vegetar ali! Eu via-lhes os ramos enfezados inclinarem-se tristemente emquanto o estribilho de uma cançoneta atravessava o ar. Deante de mim, estendia-se a avenida dos Campos-Elysiens com os seus centenares de reverberos que luziam na escuridão, esburacando a noite, como pyralismos. De repente, á luz de um candeeiro, vi Gustavo Hammer. Dirigi-me a elle e estendi-lhe a mão.

— Boa noite, coronel, disse-lhe eu. Ora viva! Que bello encontro! — Ah! és tu, replicou elle com uma voz triste. Estimo bem vêr-te. Esta tristeza impressionou-me. Olhei para elle. Tinha envelhecido muito n'um anno. Estava pallido, com as feições magras. Os cabelos começavam a pratear-se-lhe nas fontes. Metti-lhe o braço de vergar.

— Vamos dar uma volta?

— Vamos lá.

Depois de darmos alguns passos, desisti de falar. Gustavo dei-xava cair a conversação, apenas a começavamos, para se mergulhar de novo em pensamentos tristes.

— Tu tens algum desgosto? disse-lhe eu de repente.



A Rainha Alexandra de Inglaterra
Imperatriz das Indias

Estremeceu, e, depois de um momento de silencio:

— Tenho, sim.

— Desgosto... de amor?

Hesitava. Eu não insisti sabendo que certos soffrimentos teem o seu pudor.

— Ouve, disse elle, vou-te contar tudo. Afinal, é uma aineira andar eu aqui a mastigar o freio. Talvez tu me des um bom conselho. Desde que nos separámos, tive um drama na minha vida. Oh! tu



Amores na aldeia

não ouviste falar n'isso; a pedido do ministro da guerra, os jornaes não disseram nada a esse respeito. Não tenhas medo, deixa estar que não é muito comprido. E demais, o assumpto deve interessar-te particularmente. Mais um filho innocente, victima dos erros que os paes commetteram.

Secudiu a cinza do charuto, e lentamente, como um homem que via lendo no coração:

— Ouve. Em junho do anno passado, chegaram a Maubeuge os voluntarios dos vinte e oito dias, para ali fazerem guarnição. Eu era coronel de caçadores 56, havia já um mez.

Uma manhã, tinha que partir para Lille com outro collega. Decidimos tomar um caldo e comer uma costeleta no buffet de Maubeuge. Este buffet é uma sala enorme com meza de marmore.

Na extremidade, ao pé da nossa meza, ficava o botequim, sonda vão os menos providos de dinheiro. Estava cheio de operarios e de soldados. O meu collega disse-me:

— Tem por lá nos seus ephemerios soldados de vinte e oito dias, o filho de alguma celebridade?

— Tenho o filho de Myriam, o pintor que entrou ultimamente para o Instituto. E você tem?

— Eu tambem tenho. Mas é o filho de uma celebridade de outra especie: Jorge de Férisset.

— O filho da formosa Férisset?

— Tal e qual.

Desatou a rir, dizendo: — Com que então já a sr. de Férisset tem um rapagão na reserva? Eu andei perdido de amores por ella, ha já um bom par de annos. Infelizmente n'esse tempo era ella amante de um amigo meu.

— Eu tambem me enamorei d'essa mulher, replicou o meu camarada. Não tinha a mesma razão que você; não sei o que foi que me impediu de me declarar.

— Pois fez mal, disse eu. Vale a pena ter-se um capricho de oito dias por ella. E então, que marido tão commodo! A mulher tem tido vinte amantes, e elle nem sequer desconfia.

Ainda eu não acabara a minha phrase, quando vi assomar á porta do botequim um soldado de caçadores, typo delicado e fino. Estava mais branco que o linho. Fez um gesto de indecisão e caminhou para mim, cambaleando, estrebuchando com o grande sabre a bater-lhe nas pernas. Chegando ao pé da meza onde nós estavamos, encarou-me um minuto com uns olhos desvairados e levantou a mão. Percebi que me ia dar uma bofetada. Houve um grande tumulto. Agarrem-me esse homem! Dois ou tres soldados agarraram-n'o. Elle ficou immovel, olhando sempre. Depois disse com voz cava:

— E' minha mão!

— Vi de relance toda a indignidade das minhas palavras. "Larguem-n'o!", exclamei.

— Que tinha eu n'aquella manhã, e quando é que um homem de bem se atreve a dizer mal em publico de uma mulher? Levantei-me, tirei o meu *kepi*, e, curvando-me, disse-lhe:

— Estou ás suas ordens.

— Ouviu-se o assobio da machina. O comboio ia partir; corri para a plataforma e saí para um wagon. Meia hora depois, corri á casa do general commandante do corpo de exercito, e contava-lhe tudo. Como calculas, deu-me uma boa esfrega. Então um coronel pode lá andar a falazar em publico com a levandade de um felleho de Saint-Cyr? A culpa era do ministro, que nomeava officiaes superiores tão novos. Eu pensava comigo mesmo que aquella desgraça aconteceria do mesmo modo, se eu fosse capitão. Mas sentia que merecia bem as palavras severas do general, e não ousei dizer palavra.

— E que tencionas fazer, agora? perguntou-me elle.

— O general bem sabe que eu não tenho que hesitar. Insultei gravemente aquelle pobre rapaz. Fiz-me ás suas ordens. Bato-me com elle.

— O senhor está doido! Um coronel não deve cruzar a espada com um simples soldado.

— Atrave-me a observar-lhe, meu general, que não ha regulamento militar em presenca de certas offensas. Concede-me a autorisação?

— Eu não tenho direito de fazer semelhante coisa.

— Tenha a bondade de telegraphar ao ministro.

— O ministro recusa.

— Então prevenirei d'isso mesmo o sr. Jorge de Férisset. A fronteira está a dois passos. Batemos nos na Belgica.

— Mas isso é desmatar!

— Seja! meu general, desertarei. Serei castigado depois. Mas affastei-me já uma vez do caminho da honra insultando publicamente uma mulher, não me desviarei segunda vez recusando a reparação ao filho d'essa mulher.

O general teve primeiro um gesto de coiera. Mas socegou logo; deu alguns passos no gabinete. Depois, chegando-se a mim, disse-me suavemente:

— Faça o que quiser. Não me disse nada: eu nada sei. Mas não se esqueça de que o conselho de guerra é o final de tudo isso.

As testemunhas de Jorge de Férisset chegaram á noite: ambos tinhamos escolhido quatro paizanos. A arma designada foi a espada; o encontro era no dia seguinte pela manhã, ás nove horas, em F... aldeia belga da fronteira. Não dormi em toda a noite e fiz todos os meus negocios em ordem. Estava decidido a não me defender.

No dia seguinte, á hora marcada, chegavamos a F... Estava uma manhã encharcada, triste, gíacial. Chovia. Enterravamos nos na lama até ao tornozello. Adeante de nós ia Jorge de Férisset com as suas testemunhas. Um dos meus amigos observou-lhe que devia ter vindo vestido á paizana. Jorge de Férisset respondeu simplesmente que, tendo sido insultado com o uniforme, deviam-lhe reparação como soldado e como homem. Fiz signal á minha testemunha que não insistiu. Enfim chegámos a uma planicie encharcada pela chuva, onde evidentemente estaríamos muito mal. Mas não tinhamos por onde escolher, e além d'isso o tempo passava de pressa.

Era deversas um espectáculo curioso, meu caro amigo, ver os preparativos d'este duello. D'um lado um official superior de pequeno uniforme, do outro um simples soldado. Enfim collocámos-nos frente a frente. Subito, o sr. de Férisset fez-me a continencia militar, e com uma voz commovida:

— Meu coronel, eu quiz esbofetear-o. Estavamos ambos fardados. Offendi portanto gravemente a disciplina. E é necessario que haja disciplina. E' necessario hoje mais do que nunca.



Um arrufo

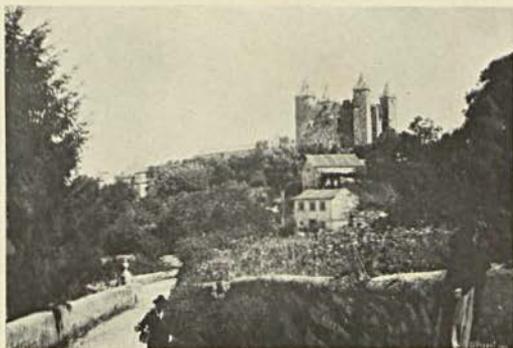
... O soldado apresenta-lhe aqui as suas desculpas. Agora, em guarda, meu coronel!

"Crucifamos os ferros; uma das minhas testemunhas disse: — Podem começar, meus senhores!. Eu não me movia. Olhava para o meu adversario. Vi nos seus olhos o mesmo relampago da vespera, seguido pela mesma indecisão. De repente, recuou dois passos. Arrou; sorria com um sorriso que me confrangeu o coração. Ainda que eu vivesse cem annos, não esqueceria nunca aquelle sorriso! Subitamente, dando, um salto furioso, atirou-se para a minha espada, que o atravessou de lado a lado. Deu um grito e cahiu estrebuchando. Subiu-lhe aos labios uma espuma vermelha. Teve uma ultima convulsão, um ultimo estertor, depois mais nada. Estava morto."

— Eu tinha ouvido tudo com o coração confrangido. Gustavo Hammer ao acabar, respirou, e disse surdamente:

— Eu bem sei que me não queria defender, bem sei que foi elle que se matou, bem sei que a minha carreira está despedaçada, visto que tive que deixar a vida militar. Apesar de tudo isto, olha, tenho os remorsos de um assassino. Parece-me que commetti um crime. Pensa tu, sim, pensa n'aquelle leal rapaz morto em todo o vigor da mocidade! Pensa tambem na desesperação da mãe que chora o filho de quem afinal ella foi o primeiro assassino!

Era já tarde: os cafés concertos iam-se despejando. Vinham affluindo os passeantes; alguns cantarolavam o estribilho d'uma cançoneta. Estranho contraste! As palavras d'uma canção em voga alternando com a narrativa d'um drama sombrio! Gustavo Hammer inclinava de novo a cabeça, esmagado por aquella



Cidade de Lusa Castello

Castello da Feira

chás feitos em cafeteiras de vintem e das suas birras de *caust-paté*, um pouco maiores que as cafeteiras.

Deitavam-se abraçados todos tres e acordavam na manhã seguinte, cada um para seu lado, quasi sempre a boneca no pé da cama, adormida, triste, e quando Deus queria — Deus e as pernas da Lili — era expulsa do leito, aos empurrões, condemnada a passar o resto da noite tirando com frio, em cima do sobrado duro da casa. E no entanto as primeiras caricias da Lili, ao levantar-se, eram para ella e para o Quim, que a olhava dos seus melhores olhos amaveis.

E os dias passavam, e Lili crescia, e o Quim tambem, e a boneca ficava sempre do mesmo tamanho!

Era muito quietinha, aquella menina!

Uma manhã Lili abriu os olhos, sentou-se na cama, ainda com somno, procurou a boneca, mas a boneca não estava lá. Chorou, gritou, e a boneca não appareceu. Appareceu a mãe, de quem ella era tambem muito amiga, com o Quim ao collo. Lili contou-lhe toda a sua desgraça. Mil promettimentos, mil meiguices, a Balbina, a creada — desastrada! — quebrará a boneca, mas o papá promettera trazer outra. Que fosse bonita e não chorasse, mas Lili, lavada em lagrimas, a custo dominava a tristeza d'esse grande desgosto!

Passou-se uma semana. Lili acordou e não viu o Quim, o seu doce companheiro, o seu irmão, e zangada, toda chorosa, chamou a mãe e intimou-a a que lhe mostrasse o mano, que o queria vêr, que o queria abraçar.

Por unica resposta teve apenas dois beijos entrecortados de soluços dilacerantes.

Lili adivinhou tudo. — A bruta da Balbina — desastrada! — quebrará o mano, como quebrará a boneca... má!

JOÃO COSTA.



Galeão de Lusa Castello

No mar alto

recordação. Os Campos-Elysiens iam-se povoando. Por toda a parte, a vida intensa d'uma noite de verão, n'este Paris cheio de alegrias e de prazeres. Na avenida, innumerables carruagens que saíam para o bosque ou vinham do Arco do Triumpho. Ao nosso lado, nas cadeiras de ferro, muita gente sentada. Quando olhava para esse lado, vi uma mulher de quarenta e tres a quarenta e quatro annos, ainda formosa, no meio d'um circulo brilhante. Tinha um vestido preto, elegantissimo. Sorria, e respirava o perfume d'um enorme ramo de violetas, ao passo que ouvia o que um rapaz lhe dizia em voz baixa.

— Oh! que desavergonhada! exclamei eu.

— O que tens tu?

Estendi o braço e disse, mostrando-lhe a mulher:

— A mãe!

E, vendo o gesto de horror que elle fazia, accrescentei encolhendo os hombros.

— Não faças caso. Olha! vêes tu! meu caro amigo? a vida é isto!

ALBERTO DELPIT.

A boneca

Era muito amiga d'ella, a Lili. D'ella e do Quim. O Quim tinha dois annos, e Lili gostava muito de brincar com elle, com elle e com a boneca. Dois unicos entretenimentos para os seus quatro annos traquinas: e Lili passava os dias a beijal-os, a acaricial-os, a ambo-os, os seus amigos intimos, os confidentes dos seus pequeninos



Cidade de Lusa Castello

O Rei de Dakar



D. Maria. A consciencia dos filhos—**D. Amelia.** O Bandolim—**Trindade.**
A filha da senhora Angot—**Avenida.** Tim-Tim

Gaston Devore lançou á acção theatral um problema que não resolveu e a que teria dado maior brilho escriptor de mais pulso.

Deve a esposa acompanhar e seguir o marido, mesmo que o saiba criminoso, ou obedecer aos conselhos do pae que só quer a sua felicidade? Mais uma vez é posto em jogo o adultério, e as paixões que elle na familia excita e desencandeia são postas de novo em acção, frequentemente cortada por terribes embates de sentimento.

Que a sociedade nem sempre está disposta a seguir os preceitos do Evangelho provam-no casos recentes, em que a mulher, em vez de deixar tudo pelo marido, deixa o marido por qualquer coisa.

E' justo confessar que outros casos tambem recentes vem ao contrario, enaltecer e honrar a doutrina evangelica. E todos os corações se teem enternecido com a admiravel attitude de abnegação e de amor de que tem dado provas constantes, inquebrantaveis, essa pobre senhora que tem levado ao heroismo a sua dedicação conjugal, pondo se ao lado do marido contra uma sociedade inteira, considerando-o innocente e martyr, ao passo que todos o consideram assassino e reprobado.

Não ha duvida que, na generalidade, a solução do problema, mais nobre e mais sympatica, é esta, mas, nas questões do adultério, o Evangelho, se não fez excepções devia fazel-as, porque ahí, esmagado o orgulho da mulher, que se vê preferida, manchado, perdido o repouso, abandonada a familia, não é só o cerebro que raciocina é o coração que fala, e não ha eloquencia mais persuasiva e dominante.

E' correctissima a versão do sr. Maximiliano d'Azevedo e o desempenho da *Consciencia dos filhos* honra a companhia do theatro de *D. Maria*.

Nas situações mais theatraes foi brillantissimo o desempenho de Ferreira da Silva, Angela Pinto, Maia e Augusto de Mello, dando os artistas, que dos outros personagens se encarregaram, excellente interpretação á parte que lhes foi confiada.

Chegou com effeito a vez á litteratura dramatica brasileira de dar nos nossos palcos signal de que existe. E ahí teem como pode ser patriótico o serviço de uma empresa que ponha em scena uma peça brasileira. Duas coisas vem provar: que o Brasil tem litteratura dramatica, o que parecia ignorarmos, e que uma obra de theatro, portuguez ou brasileira, escripta n'esta formosa lingua, colhe os mesmos applausos e arranca as mesmas palmas, quando o talento a produziu e a impõe a arte.

Dera-se na Trindade com a *Capital Federal* o que se deu agora com o *Bandolim* no *D. Amelia*.

Tornou-se um nome nosso o nome laureado de Arthur d'Azevedo e a sua obra, apesar de ser caracteristica n'este brasileiro pelos personagens, pela acção e pelo scenário, parece a obra de um escriptor por-

tuguez, que conhecesse o Brasil, que observasse, que visse na sociedade brasileira.

E' ver *Bandolim*. O assumpto é bem de lá. As figuras movem-se n'aquelle meio inconfundivel, o assumpto, as conversações, aquellas altas e baixas de cambios, aquellas compras e vendas, aquella preocupação absorvente de negocio, até aquelle genero de amores, é bem tudo aquillo do Rio de Janeiro. Mas o auctor conjugou tão habilmente com as exigencias da rima poetica a escabrosidade do assumpto, dispoz de arte tão seductora e galante ao accomodar em lindos versos portuguezes assumpto a ella tão refractario, que o publico se esqueceu, ao applaudir, de que estava deante de um escriptor estrangeiro, porque a lingua que ouvia era a sua, a arte que encontramos não era inferior á de qualquer artista portuguez e o interesse litterario que a obra lhe despertava em nada divergia do que obras nacionaes lhe provocam, quando ellas teem valor.

Christiano de Sousa atiladamente escolheu para a sua festa o *Bandolim* porque se encaixou á maravilha na pelle do negociante de feragens, mostrando em todas as suas phrases que é um observador e um artista, e justificando por completo os applausos com que o publico recebeu o seu trabalho.

Não menos calorosos foram aquellos que Lucinda Simões, a mulher do negociante, e Lucilia, filha de ambos, arrancaram ao publico, no *D. Amelia*, pelo seu original e interessante desempenho, dando tambem subido relevo aos papeis de que se incumbiram na graciosa comedia de Arthur d'Azevedo, Alves, Chaby e Pinheiro.

Parece que a empresa do *D. Amelia*, alguns escriptores dramaticos e a associação dos jornalistas de Lisboa vão honrar, em Arthur d'Azevedo, n'uma festiva sessão de homenagem, a litteratura dramatica do Brasil. E' justo.

Na *Trindade* nova reprise da *Filha da Senhora Angot*, que deve já ser a millesima, pelo menos, sendo em cada anno, desde que pela primeira vez Francisco Palha poz em scena no mesmo theatro a afamada operetta, recebida com applausos quentes e incondicional agrado.

Teve agora ainda a realça-a a batuta insigne de Nicolini Milano e o desempenho magnifico de Thereza Mattos, Medina de Sousa, Colas, Mattos, Isaura e Almeida Cruz.

Está em veia o theatro da Trindade, não resta duvida; depois das enchentes da *Capital Federal*, o exito da *Senhora Angot*.

E, visto estarmos em regimen de reprises, outra que merece registro é a do *Tim-Tim* na *Avenida*. Sousa Bastos ampliou a com dois quadros, que lhe accrescentaram o valor, Palmyra Bastos illuminou-a com o seu talento, e Alfredo de Carvalho, que teve o bom senso de a escolher para a sua festa, mostrou que o Lucas é eterno atravez da sua graça originalissima que o tornou popular insubstituivel n'este genero de peças.

JAYME VICTOR.



BRASIL—PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora
Largo do Conde Barão, 50Páginas suplementares: Off. Estêvão Nunes & F.ª
Rua d'Assumpção, 18 e 24

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Victor, Louçã Tavares

Editor—Luz Antonio Soares

Redacção e administração—Rua de S. Roque, 123

End. telegraphico—BRATUGAL—LISBOA

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA		ESTRANGEIRO	
Anno.....	Moeda brasileira.....	Anno.....	3\$400	Anno.....	7\$000
Numero avulso.....	3\$000	6 mezes.....	2\$000	6 mezes.....	4\$000
		3 mezes.....	1\$500	Numero Avulso.....	3\$000
		Numero avulso.....	3\$000		

SUMMARY

GRAVURAS

AMORES DA ALDEIA—Um arrufo.

CASTELO DA FEIRA.

NO MAR ALTO.

O REI DE DAKAR.

21 Illustrações

Bom conselho

— Como tu estás abatido, rapaz!
— Que queres? Loucuras... excessos... o diabo!

— Mas agora reparo... Tu estás forte, rijo, com boas cores. E eras tão franzino!

— Cousas, meu velho. Faze como eu. Toma o *Chocolate Brasil*, que se fabrica no Molinho de Ouro, no Largo de S. Francisco do Rio de Janeiro.

TEXTOS

Política Internacional—CONSEIGLIERI PEDROSO.

Alger—EDUARDO DE SÁ NOGUEIRA P. DE BAL-
SEMÃO.

Kriana—(EM MISTOCOS) ARTHUR ARC.

Trindades—ARIBERTO MAYA.

Logica—ANTONIO NOBRE.

O Grupo Patria—THOMAS COELHO.

In meio do camin—MENDES MONTEIRO.

Os olhos de Joanninha—GABRIETT.

Soneto—BOCAGE.

Lord Greenock—URBANO DE CASTRO.

O duello do coronel—ALBERTO DELPIT.

A boneca—JOÃO COSTA.

Theatros—JAYME VICTOR.

OS NOSSOS MINISTROS—Manoel Raphael Gorjão,
Ministro da marinha e ultimamar—Wenceslao
de Lima—Ministro dos negocios estrangeiros
—Conde de Paço Vieira—Ministro das Ultr
Publicas.VIAGEM DA RAINHA DE PORTUGAL.—A pyramide
Keops em Gizeh. A velha cidade vista das Py-
ramides. As catacumbas—Cairo).OS ACONTECIMENTOS DE COMBRA. Aspecto da Pra-
ça 8 de Maio por occasião dos tumultos.OS OSSOS DE PEDRO ALVARES CABRAL.—Capella
na igreja da Graça, em Santarem—A fachada
da igreja—A nova central.

ROMA—Museu do Vaticano Laocoon.

O GRUPO PATRIA.

SILVA LEAL.

EDUARDO VII—O Rei de Inglaterra e a Rainha

Alexandra.

The Pacific Steam Navigation Company

Caes do Sodré, 64, 1.º

LISBOA

OS AGENTES—E. Pinto Basto & C.ª

Viagens rapidas para o Brazil e portos do Pacifico. Carreta quinzenal (as quartas
seiras alternadas). Grandes paquetes, luz electrica, luxo e todas as
commodidades. Preços modicos para S. Vicente, Pernambuco, Bahia,
Rio de Janeiro, Montevideo, Valparaiso, portos do Chili e Peru,
e, na volta, para La Pallice e Liverpool. Linha semanal entre Lon-
dres, Gibraltar, Malta e Cadix, e linha mensal para Glasgow
Carreiras para Bordes e Leith, etc.

H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço

Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

OBRAS DE REPARAÇÃO EM CASILHAS

ESTABEIRO NO GINJAL

BIJOU REAL

ESPECIALIDADE EM ARTIGOS

DE

CREANÇA

422, Rua Nova do Almada, 422

LISBOA

Dr. Oscar Leal. — Especial-
ista em doencas da bocca, collocação
de dentes e correção das deformidades
maxillares. Consultorio de 1.ª ordem á

RUA DO CARMO, 35, 1.º

(CHIADO)

PLACAS PHOTOGRAPHICAS

PAPES JOUGLA
os melhores

PARIS—45, Rue Rivoli, 45—PARIS

Comprem o solido CALÇADO DO ROCHA, o melhor do Brasil

CASA DO ROCHA

Rua 15 de Novembro, 20 — São Paulo (BRASIL)

Empresa Nacional de Navegação

Para o

ALGARVE e GUADIANA

CARREIRA OFFICIAL



GOMES VI

Este novo e excelente vapor da carreira official entre Lisboa, Sines e portos do Algarve sahe de Lisboa nos dias 1 e 16 de cada mez, recebendo carga em Faro nos dias 5 e 20, para sahir em 6 e 21.

GUILHERME SILVA

Camisas, corollas,
gravatas, collarinhos
e punhos



Roupas bordadas
e camizetas
Exceçoes em todos os
generos

LONDON & PARIS

109, Rua de S. Nicolau, 111

LISBOA

Compagnie des Messageries Maritimes

Paquebots poste français

Linha Transatlantica



Para Dakar, Pernambuco, Bahia,
Rio de Janeiro, Santos, Montevideo
e Buenos-Ayres

Os passageiros de 3.ª classe podem dirigir-se a **OREY ANTUNES & C.ª** = 1, Praça dos Remedios.

Para passagens, carga e todas as informações trata-se na Agencia da Companhia = 32, Rua Aurea.

Os agentes, SOCIEDADE TORLADES

JULIO LIMA & C.ª



FABRICANTES DE CHAPEOS DE FELTRO

Fabrica

167, RUA DE S. CHRISTOVÃO, 167

Deposito

46, RUA DE S. PEDRO, 46

End. Telleg. — JULIMA.

RIO DE JANEIRO

FABRICA FUNDADA EM 1890 — Occupa a area de 12.000 quadrados

MACHININHOS MODERNOS E APERFEIÇADOS

Os seus productos rivalizam vantajosamente com os do estrangeiro. Esta fabrica foi distinguida com o diploma na Exposição Artística e Industrial de 1900, primeira a que concorreu. — Absteve os principaes mercados do paiz.

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confeccoes

Com atelier de modista e alfaiate

ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quina das escadilhas de Santa Justa



EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

Para S. Miguel, Terceira, Graciosa (Santa Cruz), Jorge (Calheta), Lages do Pico, Fayal e Flores.

Sae o vapor **Açôr**, comandante Carlos Pereira Vidinha, no dia 5 de Fevereiro, ás 10 horas da manhã.

Trata-se com os agentes — Caes do Sodré, 84, 2.º

Germano Serrão Arnau

Deposito Sanguinhal

Vinhos tintos e brancos

do

SANGUINHAL

Os melhores vinhos de meia

VINHOS

do

Porto e Madeira

Cognac,

Champagne,

Licores, etc.

139 — RUA DO ALECRIM — 131

Telephone N. 123

VINHOS

VILLAR D'ALLEN

CHAMPAGNE

VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

GERENTE: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.ª

Rua 1.º de Marco, 59 — RIO DE JANEIRO

Koderego telegraphico LION S. PAULO CAIXA DO CORREIO
N.º 44

S. PAULO, SANTOS E HAMBURGO
BRASIL E ALLEMANHA
ESCRITORIO: R. do Commercio, 3

CIMENTO PORTLAND

QUALIDADE

RESISTENCIA

SUPERIOR

GARANTIDA



Usado com optimos resultados por empresas particulares e Obras Publicas da Europa, dos Estados Unidos da America do Norte e do Brasil. Approvado pela Repartição de Aguas e Esgotos de S Paulo-Brasil.

IMPORTADORES e DEPOSITARIOS

LION & C.ª
S. PAULO E SANTOS
Brasil.

Alberto, Martins & C.ª

IMPORTAÇÃO

E

EXPORTAÇÃO

Caixa de Correio — 708.

Codigos — BRASIL e RIBEIRO.

Rua da Alfandega, 110

RIO DE JANEIRO

Manoel de Azevedo e Mello

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

AGENTE E DEPOSITARIO das

AGUAS

DE

LAMBARY E CAMBUQUIRA

Rua da Alfandega, 62.

RIO DE JANEIRO.

ECONOMICA

Autorizada por decreto do Governo Federal
n.º 4-408, de 13 de Maio de 1902

CAPITAL INICIAL: 200.000.000 REIS

DIRECTORIA:
Presidente VALENTIM MACALHAES
Secretario D. DE CARVALHO AZEVEDO

TITULOS DE ACCUMULAÇÃO DE 500.000 REIS
SORTEIOS MENSUAES

SÉDE SOCIAL
35, Rua Nova do Ouvidor, 35
Caixa Postal 1.943 Telephone 773 End. Telegr. ECO

RIO DE JANEIRO
Agencias nos Estados

500000

Eu era assim



Cheguei a ficar quasi assim



Soffria horrivelmente dos pulmões; mas graças ao XAROPE PEITORAL DE ALCATRÃO E JATANY, preparado pelo pharmaceutico Honorio do Prado, o mais poderoso remedio contra tosses, bronchites, asthma, rouquidão e, coqueluche.

Consegui ficar assim



Completamente curado e bonito

Honorio do Prado

115, RUA DO LAVRADIO, 115

DEPOSITO: — Drogaria PACHECO & C.ª — ANDRADAS, 69

VIDRO 2\$000 REIS

MARCA REGISTRADA Rio de Janeiro.

FABRICA
DE
TECIDOS e FIAÇÃO

SANTA MARIA SOROCABA

PROPRIETARIOS:

ERNESTO ZSCHÖCKEL & C.^A

Escritorio Central:

S. PAULO — Rua S. Bento, 45
GAIXA POSTAL 96.

Endereço telegraphico: DUODECIMO.

ESPECIALIDADE da fabricação
BRINS e RISCADOS

Aux Dames Élégantes

GRANDES ATÉLIERS

DE

COSTURA E CHAPEUS



Especialidade em toilettes para baile, theatro e passeio

Enxovas para casamentos

Sempre grandioso sortimento em capas, paletots e outros abafos de novidade

FIGUEIREDO & SILVA

1, RUA DO THEATRO, 1

RIO DE JANEIRO

Adresse telegraphico AZOUGUE
Codigo — Ribeiro

Caixa do Correo N.º 88
Telephone — 389

MERCURIO

COMPANHIA DE SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

Autorizada a funcionar por carta patente n.º 2



Capital Réis 2.000:000\$000

Deposito no Thesouro Federal Réis 200:000\$000

Incorporada pela ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMMERCIO
DO
RIO DE JANEIRO

CASA DOUX

BÉNAC, TEIXEIRA & C.^A

(Successores de A. DOUX, e de DOUX & FERREIRA)

ARMADORES E ESTOFADORES

O maior sortimento de moveis e tapeçarias

Incumbem-se de instalações de aposentos

RUA DO OUVIDOR, 60

End. teleg. — BÉNAC

Telephone n.º 729

RIO DE JANEIRO

ARTHUR DE CARVALHO & C.^A

Casa especial

DE OLEOS

IMPORTADORES DE KEROZENE

Rua do Rosario, 38

RIO DE JANEIRO

C. P. VIANNA & C.^ASuccessores da antiga casa J. P. DE CASTRO & C.^{IA}**IMPORTADORES E COMMISSARIOS**

Unicos agentes no Estado de S. Paulo

DAS

AGUAS VIRTUOSAS

DE

LAMBARY E CABUQUIRA

Agentes da Companhia de Seguros maritimos e terrestres

LLOYD AMERICANOCaixa postal n. 31. — Endereço teleg.: — «YANINA»
Codigo teleg.: — RIBBEIRO**Rua do Commercio, n.º 11 e 13**
S. PAULO — (BRASIL)**ALFAYATARIA****ESTRELLA DO BRASIL**

DE

AGOSTINHO DA SILVA BRAGA

Aprompta-se com

PERFEIÇÃO E BREVIDADE

Toda e qualquer encomenda sob medida

PREÇOS COMMODOS

Rua Marechal Deodoro, 1**São Paulo (BRASIL)****Armazem de fazendas e fato feito, por atacado e a retalho**

FORNECEDORES DA CASA REAL

ESPECIALIDADE D'UNIFORMES

J. NUNES CORRÊA & C.^A

Rua do Ouro, 40, 42 e 44; Rua de S. Julião, 120, 162, 164 e 166 — LISBOA

Promptificam-se com a maior brevidade qualquer fornecimento e encomendas para exportação. — Ateller mechanico para confecção de uniformes. Garante-se em todas as encomendas a boa qualidade, perfeição e modicidade de preços.

LAEMMERT & C.^A — Livreiros-Editores ||| **RIO DE JANEIRO-Ouvidor, 66-S. PAULO-15 de novembro, 32**

ACABA DE SAHIR À LUZ

PLATEN O NOVO METHODO DE CURAR

Manual de hygiene, regras de vida, preservação de saude e cura de molestias sem auxilio de drogas.

Thesouro de familia e guia dos doentes e das pessoas que gosam saude, contendo 432 gravuras em madeira, 17 estampas coloridas, 3 estampas anatomicas coloridas, cada qual representando os diversos orgãos superpostos, podendo-se separar, à vontade, (Nariz, Ouvido, Boca, Vista, Cabeça, Modelo anatomico do corpo do homem, Modelo anatomico do corpo da mulher com os orgãos durante a gravidez).

2 grossos volumes de cerca de 1500 paginas, impressos com esmero, encadernados em percaline com titulo artistico estampado em ouro e cinco côres.

PREÇO..... 10\$000

Obra indispensavel em toda a casa de familia, ensina em linguagem clara e ao alcance de todo o



mundo como se evitam as molestias — Como se curam as doencas — Como se restabelece a saude — Como se tratam os accidentes — O que se deve comer, beber e evitar — Como deve ser nossa roupa e nossa moradia — O cuidado que devemos dar á pelle, ao cabelo, aos olhos, ao ouvido, ao nariz, aos dentes, etc. — esta obra põe o leitor ao par de todas as minuciosidades da Estructura do corpo humano e dedica particular attenção ás Molestias das mulheres e das crianças. Encoerra capitulos exhaustivos sobre Hydrotherapia, Massagem, Electricidade, Hypnotismo, Exercicios de Gymnastica Hygienica, etc.

O numero enorme e admiravel de informações concernentes ao corpo e suas funcções durante a saude e a molestia tornam a obra de **PLATEN** o mais completo **MANUAL** para o tratamento e cura das molestias.

Envia-se gratis o PROSPECTO ILLUSTRADO a quem o pedir



AGUAS
MINERAES
NATURAES
 DE
LAMBARY
 E
CAMBUQUIRA

DEPOSITO:
 RUA ALFANDEGA 52
 RIO DE JANEIRO

LAMBARY



CAMBUQUIRA



Estabelecimento de banhos em Lambary



HOTEL DOS ESTRANGEIROS

PRACA JOSÉ DE ALENCAR

O primeiro do
Rio de Janeiro.

CARPINTARIA, MARCENARIA E SERRARIA

A VAPOR

DE

José Maria Pereira Junior

COMPLETO SORTIMENTO

DE

Madeiras e Materiaes

Para construcções civis

Construcção e reconstrucção de predios

RUA LAVRADIO, 33
RIO DE JANEIRO

Companhia Trasatlantica de Barcelona



LINHA DE FILIPINAS

Sahidas de Lisboa de 4 em 4 semanas, com serviço de mercadorias e passageiros para Port-Said, Adem, Colombo, Batavia, Bombaim, Bussure, Calcutta, Kioogo, Hong-Kong, Kurrachee, Manila, Saigou, Shanghai, Sdney, Singapore, Suez, Iokohama e outros portos de Asia e Oceania. — Passageiros para Macau.

Serviço de mercadorias e passageiros de Liverpool para Lisboa. Passageiros para Cadiz, Cartagena, Valencia e Barcelona, e com transborda em Cadiz para Tanger, Gibraltar, as Antilhas (Cuba e Porto-Rico), Veracruz, New-York, Montevideo e Bueos Ayres. Para carga e passagens trata-se com

Os agentes,

Henry Burnay & C.^a

LISBOA—Rua dos Faucoueros, 10, 1.^o

Empresa Nacional de Navegação

Cerrota quinzenal
para a Costa d'África Occidental

Sahidas a 6 e 21 de cada mez, tomando uma
arguteira portos:

Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizete, Ombrité, Logandá, Noyo Redondo, Benguela, Mossamedes, Porto Alexandre e Bahía dos Tigres.

N. B.—Os paquetes que sahem a 6 fazem escala por Santo Antonio do Zaire Ambrizete, Bahía dos Tigres e Porto Alexandre, e os do dia 21 por Madeira, S. Vicente e Principe.

Rua da Prata, 6, 1.^o

FONSECAS, SANTOS & VIANNA
BANQUEIROS

R. D'EL-REI (VULGO CAPELLISTAS), 120

← LISBOA →

SOCIOS:

Carlos Ferreira dos Santos Silva, Francisco da Silva Vianna
e Joaquim Pinto da Fonseca

Compram e vendem fundos publicos nacionaes e estrangeiros, accções de bancos e companhias. Tomam e saccam letras sobre todas as praças estrangeiras e do reino. Recebem generos e fundos publicos á consignação. Recebem depositos em conta corrente a juro convencional, á vista ou a prazo. Fazem todas as operações de casa bancaria e de commissão.

BANCO

Nacional Ultramarino

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Séde em Lisboa

Rua Nova d'El-Rei, 73

Sucoursaes em Moçambique e Loanda. Agencia em S. Vicente e S. Thiago de Cabo Verde, Benguelá, Mossamedes, S. Thomé, Lourenço Marques e nas principaes terras do norte.

Bilhares de precisão

COM A

Celebre tabella americana

MONARCH

PANNOS, TACOS, BOLAS
e todos os accessorios

Jogos diversos de novidade

Cartas, Tentos e Pizas
Para todos os jogos

Vinva de José Alexandre de Senaa

23 — Rua Nova do Almada — 30
(Casa fundada em 1814)

LISBOA Segun a Gazete Illustrada

MALA REAL INGLEZA

ROYAL MAIL
STEAM PACKET COMPANY

Viagens quinzenaes

PARA O

BRASIL E RIO DA PRATA

Pelos magnificos vapores
d'esta antiga Companhia

Prestan-se todas as informações
na rua d'El-Rei, 31.

OS AGENTES,

JAMES RAWES & C^a

GABINETE HYDROTHERAPICO

Dr. Mauperrin Santos

Medico Director } J. Mauperrin Santos
 } J. Silvestre d'Almeida

Installação hydrotherapica completa; duas salas de douche para homens e senhora, interiramente independente; gabinete annexo d'eletricidade e massagem. Massageiro e ginecologista habilitado, dirigidos por C. de Sousa. Tratamento de doenças serreas e de esmagamento.

Horas das 9 h da manhã e das 3 h da tarde

ENTRADA: CALçada DO DUQUE, 20
CALçada DA ALGIDA, 12 LISBOA

ALFAYATERIA "CONFIANÇA"

R. dos Faucoueros, 101, 1.^o

JAYME PIRES & COM.^{ta}

Faxendas nacionaes e estrangeiras.

Confecções para homens, senho-
ras e crianças. Fardamentos mili-
tares e todos os uniformes.

Preços remunerados

Fatos completos pretos, azues e em
cores, de

65000 a 105000

Ditos de faxendas estrangeiras, de

15000 a 25000

Escolhido sortimento em sobretudos,

Doublet-capas e varinos d'aveiro.

Capas á hespanhola, fabrico especial de nossa casa, de

15000 a 25000

ATELIER DE ALFAYATE



ANTONIO DO GOUTO

Premiado na Exposição
Universal de Paris de 1900Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras

Rua do Alecrim, 111, 1.º — LISBOA

Os bons fiambrés, as boas mattadellas,
Tudo o que mata o mais feroz jejum,
Os bons vinhos de Rheno, ou de Bucellas,
Whisky, Kyrtsch, Cognac, Old-Tom, Rhum.Salchichas, trufas, *petit-pois*, sardellas,
Lagostas e salmão, ostras e atum,
Isto tudo se encontra a fartadellas
A' rua Ourives, no sessenta e um.Desde o melhor Bourgogne ao paraty,
Tudo que em vida de melhor consumes,
Encontras sempre com certeza ali.Não é filial de casa alguma, ouvi!
E' simplesmente o bom Avilla Gomes
Ex-gerente da antiga Casa Henry.

Rio de Janeiro

Exportadores
Para todos os Estados
do BrazilOfficinas montadas
com todos os aparelhos
e ferramentas modernasAGENCIA
EM
TODOS OS ESTADOSTELEGRAMAS
PINTO
CALLE de Gouvea-491

101, RUA DO HOSPICIO, 101

RIO DE JANEIRO

MARQUES, Successores
OURIVES-JOALHEIROS

O mais vasto, completo e variado sortido em objectos com pedras finas, d'ouro, prata, bengalías, carteiros, etc. — Sempre as novidades escolhidas pessoalmente em Paris, Allemanha e Vienna

123 - Rua de Santa Catharina - 131

Objectos d'arte e em esmalte

Preços fixos e garantidos

- PORTO -